

Késia Rodrigues de Oliveira

**SOB O SIGNO DE JUDAS:
REESCRITAS LITERÁRIAS DA TRAIÇÃO**

Belo Horizonte
2016

Késia Rodrigues de Oliveira

**Sob o signo de Judas:
reescritas literárias da traição**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Literaturas Modernas e Contemporâneas.

Área de concentração: Literaturas Modernas e Contemporâneas

Linha de pesquisa: Poéticas da Modernidade

Orientadora: Profa. Dra. Lyslei Nascimento

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

O48s

Oliveira, Késia Rodrigues de.
Sob o signo de Judas [manuscrito] : reescritas literárias da
traição / Késia Rodrigues de Oliveira. – 2016.
94 f., enc. : il., color.

Orientadora: Lyslei de Souza Nascimento.

Área de concentração: Literaturas Modernas e
Contemporâneas.

Linha de pesquisa: Poéticas da Modernidade.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 79-86.

Anexos: f. 87-94.

1. Judas (Personagem bíblico) na literatura – Teses. 2.
Bíblia na literatura – Teses. 3. Traição – Teses. 4.
Intertextualidade – Teses. 5. Religião na literatura – Teses. I.
Nascimento, Lyslei de Souza. II. Universidade Federal de
Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 809.93382



pós-lit
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Faculdade de
Letras - FALE



Dissertação intitulada *Sob o signo de Judas: reescritas literárias da traição*, de autoria da Mestranda KÉSIA RODRIGUES DE OLIVEIRA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de Concentração: Literaturas Modernas e Contemporâneas/Mestrado

Linha de Pesquisa: Poéticas da Modernidade

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dra. Lyslei de Souza Nascimento - FALE/UFMG - Orientadora

Prof. Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa - FALE/UFMG

Prof. Dr. Mauro Passos - PUC/Minas

Prof. Dra. Myriam Corrêa de Araújo Ávila
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 8 de março de 2016.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Lyslei Nascimento, por me orientar sempre com dedicação e seriedade e pelas aulas que tanto me inspiram e foram essenciais para minha formação acadêmica. Sua orientação é um diamante.

À Faculdade de Letras e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Aos professores da Graduação em Letras e da Pós-Graduação em Estudos Literários, em especial ao Reinaldo Marques e à Adriane Sartori, cujos cursos me mostraram a diversidade e a beleza do caminho das Letras. Ao professor Julio Jeha, exemplo de dedicação e seriedade. À professora Mariângela Paraizo, pelo constante carinho, apoio e incentivo.

Aos queridos amigos Ana Cláudia, Breno Mendes, Débora Menezes, Filipe Menezes, Ivana Gund, Lucas Eugênio, Márcio César, Osmar Júnior, Pollyanna Gomes e aos pesquisadores do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG.

Um agradecimento mais que especial ao amigo e leitor André Souza, pelo companheirismo desde nossa graduação, e à Elisa Moreira, pela amizade e sugestões de leitura.

Aos colegas do Departamento de Controle e Registro Acadêmico da UFMG, em especial à Sílvia Moreira e Juliana Castro, e da Faculdade de Letras, em especial, a Adalberto, Josie, Jéssica, Fabíola e Eduardo e aos professores Sueli Coelho, Cristiano Barros e Aléxia Teles pelo apoio.

À minha família, com muito carinho, a minha mãe, a meu pai, *in memoriam*, a meus irmãos, Patrícia e Marcelo, e sobrinhos, Tiago e Mariana; ao Gustavo por todo o cuidado e amor, por me apoiar e entender, entre leituras e fichamentos, minhas longas ausências.

A Deus, por permitir o término desta etapa e a superação de todos os obstáculos que surgiram ao longo do processo de pesquisa e escrita desta dissertação.

RESUMO

Esta dissertação elenca algumas reescritas literárias do episódio bíblico da traição de Judas, narrado nos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, e no evangelho apócrifo de Judas, levando em consideração duas estratégias de construção textuais: a paráfrase e a paródia. Tomando como referencial teórico os estudos sobre intertextualidade de Julia Kristeva e Antoine Compagnon, procurou-se evidenciar, ainda, de que forma o personagem Judas se configura como uma metáfora da apropriação literária, visto que os textos aqui referidos, como a peça “O Judas em Sábado de Aleluia”, 1846, de Martins Pena, as crônicas “Judas”, 1921, de Graciliano Ramos, e “Malhação do Judas Carioca”, 1975, de João Antônio, por exemplo, apontam para a literatura, ou a reescrita literária, como uma forma de traição.

PALAVRAS-CHAVE: Judas. Traição. Reescrita.

ABSTRACT

This dissertation lists some literary rewritten literary texts from the biblical episode of Judas, the one who betrayed Jesus, narrated in the Gospels of Matthew, Mark, Luke and John, and also in the apocryphal Gospel of Judas, and takes into account two textual construction strategies, which are paraphrase and parody. Taking as a reference the theoretical studies on intertextuality, by Julia Kristeva and Antoine Compagnon, this study aims at understanding in what ways Judas configure himself as a metaphor of literary appropriation, since the texts analyzed in this study, such as the play “O Judas em Sábado de Aleluia”, 1846, by Martins Pena, the chronicles “Judas”, 1921, by Graciliano Ramos, and “Malhação do Judas Carioca”, 1975, by João Antônio, lead to literature or rewritten literary texts, as a means of betrayal.

KEYWORDS: Judas. Betrayal. Rewritten.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** – *O beijo da traição*, de Giotto di Bondone (1304-1313) p. 09
- Figura 2** – *Prisão de Cristo*, Igreja de Cimabue Upper, São Francisco de Assis (1820)
..... p. 22
- Figura 3** – *O beijo de Judas e Pedro cortando a orelha de Malco*, de José Joaquim da Rocha (1786)..... p. 43
- Figura 4** – *O beijo de Judas*, de Gustave Doré (1866) p. 57
- Figura 5** – *A captura de Cristo ou O beijo de Judas*, de Antoon Van Dyck (1599-1641)
..... p. 59
- Figura 6** – *A última ceia*, de Manoel da Costa Ataíde (1828) p. 74

ANEXO

- Evangelho de Judas p. 87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 09
CAPÍTULO 1 – PARÁFRASES DA TRAIÇÃO.....	p. 22
1.1 Sob o signo da paráfrase	p. 28
1.2 Duplicidades em <i>Judas</i> , de Aristides Ávila	p. 30
1.3 Aparições em “Uma história de Judas”, de João Alphonsus	p. 36
1.4 Repetições em “Judas Iscariotes”, de Carlos Nejar	p. 39
1.5 Revisitações em “Morte e ressurreição de Jesus”, de Varnecki do Nascimento	p. 40
CAPÍTULO 2 – PARÓDIAS DA TRAIÇÃO.	p. 43
2.1 Malhações em “O Judas e o Sábado de Aleluia”, de Martins Pena	p. 45
2.2 Folguedos em “Malhação do Judas Carioca”, de João Antônio	p. 46
2.3 O alternativo <i>Evangelho segundo Judas</i> , de Geraldo Silveira.....	p. 48
2.4 Desdobramentos em <i>Judas e a irmã de Jesus</i> , de José Fernandes.....	p. 51
2.5 “Judas”, de Graciliano Ramos, e “Judas Iscariotes”, de Murilo Mendes.....	p. 54
CAPÍTULO 3 – JUDAS E A TRAIÇÃO	p. 57
3.1 Traições e traidores em Jorge Luis Borges	p. 61
3.2 Outras traições, traduções	p. 65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 74
REFERÊNCIAS.....	p. 79
ANEXO	p. 87

INTRODUÇÃO



O beijo da traição, de Giotto di Bondone (1304-1313).

Não uma coisa, todas as coisas que a tradição atribui a Judas Iscariotes são falsas.

Jorge Luis Borges

Nils Runeberg, personagem do conto “Três versões de Judas”,¹ de Jorge Luis Borges, vale-se da afirmação em epígrafe para explicar a história de Judas Iscariotes em seu livro *Kristus och Judas* [*Cristo e Judas*]. O conto, escrito como um artigo acadêmico, apresenta suas teses sobre a figura de Judas, as quais desmistificam o caráter de traidor atribuído ao discípulo pela narrativa bíblica e apontam-no como integrante de um plano de salvação da humanidade. O personagem escritor teria publicado dois livros, *Kristus och Judas* e *Den hemlige Frälsaren* [*O salvador secreto*], e o narrador analisa esses livros e mais uma segunda edição, revisada, de *Kristus och*

¹ BORGES, Jorge Luis. Três versões de Judas. Trad. Carlos Nejar. In: _____. *Obras completas de Jorge Luis Borges, volume 1*. Vários tradutores. São Paulo: Globo, 1998. p. 573-577. *Ficções*.

Judas. As teses, que são concebidas como uma espécie de elogio a Judas, permitem ao leitor inferir do texto de Borges outras possibilidades de versões para a história do personagem bíblico na ficção.

Judas, tal qual chegou até hoje na tradição cristã, configura-se como um dos personagens mais referenciados na literatura ocidental. Sua traição a Jesus, e o que ela representa para o imaginário religioso, é constantemente retomada pela literatura, como sugere o conto ao colocar em plano semelhante outros pontos de vista sobre a narrativa. Nesta dissertação, são elencados textos literários que tematizam a história de Judas.

Compõem esse levantamento o romance inglês *King Jesus*,² de Robert Graves; a coletânea de contos russos *Judas Iscariotes*,³ de Leonid Andreiev; o romance canadense *Testament*,⁴ de Nino Ricci; o conto espanhol “Judas”,⁵ de Miguel Sawa; o romance norte-americano *A nova traição de Judas*,⁶ de James Rollins; o romance francês *Judas, o bem-amado*,⁷ de Gerald Messadié, entre outros. Na literatura brasileira, há: *Judas*,⁸ de Aristides Ávila; “O Judas em Sábado de Aleluia,”⁹ de Martins Pena; “Uma história de Judas”,¹⁰ de João Alphonsus; *O livro de Judas*,¹¹ de Assis

² GRAVES, Robert. *King Jesus*. New York: Farrar Straus Giroux, 1981.

³ ANDREIEV, Leonid. *Judas Iscariotes*. Trad. Henrique L. Alves. São Paulo: Clube do Livro, 1984.

⁴ RICCI, Nino. *Testament*. New York: Houghton Mifflin Company, 2003.

⁵ SAWA, Miguel. Judas. In: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Os melhores contos de loucura*. Trad. Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. p. 61-64.

⁶ ROLLINS, James. *A nova traição de Judas*. Trad. Marcos José da Cunha e Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

⁷ MESSADIÉ, Gerald. *Judas, o bem-amado*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

⁸ ÁVILA, Aristides. *Judas*. [S.l.]: Saraiva: 1953.

⁹ PENA, Martins. *O Judas em Sábado de Aleluia*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000240.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

¹⁰ ALPHONSUS, João. Uma história de Judas. In: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Os melhores contos bíblicos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 155-158.

¹¹ BRASIL, Assis. *O livro de Judas*. São Paulo: Clube do livro, 1970.

Brasil; “Malhação do Judas Carioca”,¹² de João Antonio; “Judas Iscariotes”,¹³ de Carlos Nejar; *Judas e a irmã de Jesus*,¹⁴ de José Fernandes.

Judas, assim, pela mão de escritores, além de pintores, escultores e músicos, adquiriu vários matizes.¹⁵ Nas versões, há alusões,¹⁶ diretas ou indiretas, ao personagem, referências à tradição folclórica do Sábado de Aleluia¹⁷ e reescritas, desviantes ou não, da história de Judas com base nos evangelhos canônicos ou apócrifos.

Na Bíblia, Judas é apresentado como um homem que havia sido escolhido por Jesus para ser um dos doze discípulos. Encarregado de guardar a bolsa que continha o dinheiro usado para as despesas do grupo e, por isso, acusado, pelo evangelista

¹² ANTONIO, João. Malhação do Judas Carioca. In: _____. *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. p. 113-118.

¹³ NEJAR, Carlos. Judas Iscariotes. In: _____. *Os viventes*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 129.

¹⁴ FERNANDES, José Fonseca. *Judas e a irmã de Jesus*. São Paulo: Livro Pronto, 2010.

¹⁵ Dos quadros de Gustave Doré, Michelangelo Caravaggio ou Mestre Ataíde, passando pelas esculturas de Aleijadinho, incluindo a condenação de Judas no último círculo do Inferno em *A divina comédia*, de Dante Alighieri, as versões da traição e do personagem Judas possuem repercussões inusitadas até na música. Veja-se, por exemplo, a banda de *heavy metal*, formada nos anos de 1969, com toda uma carga simbólica satânica, segundo Paulo Mendes Pinto, que tomou, significativamente, o nome de Judas Priest, inspirado na música de Bob Dylan, “The Ballad Of Frankie Lee And Judas Priest”, escrita em 1967. Em 1975, o tecladista Rick Wakeman apresenta “Judas Iscariot”; no Brasil, em 1978, Raul Seixas, em parceria com Paulo Coelho, compôs “Judas”, outra versão do controvertido personagem; em 1994, a banda norte-americana The Smashing Pumpkins gravou o álbum *Pisces Iscariot* e, posteriormente, em 2001, a coletânea *Judas O*. Ainda no cenário da música internacional, em 2010, a multimídia Lady Gaga lançou, com algum sucesso, “Judas”.

¹⁶ Há inúmeros textos em que referências indiretas podem ser vislumbradas, como a expressão “os Judas”, designação dos personagens traidores em *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa.

¹⁷ O costume popular da Malhação (ou queimação) de Judas, prática oriunda da Península Ibérica e adotada no Brasil colonial, em que um boneco de palha ou de pano é queimado em praça pública, é ainda comum em algumas cidades brasileiras, quando Judas assume as feições do político corrupto, do tirano estrangeiro, do delator. Para Ático Vilas-Boas da Mota, a malhação do Judas “pode ser estudada *pari passu* a um auto-de-fé na Península Ibérica, em Goa ou em alguns países hispano-americanos, no qual a figura do Judas deve ser interpretada como a do(s) judeus que se queimava(m) nas fogueiras da Inquisição.” (MOTA, Ático Vilas-Boas da. *Queimação de Judas: catarismo, inquisição e Judas no folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituição Nacional do Folclore, 1981. p. 113)

João, de ser um ladrão, como será visto adiante, o discípulo teria entregado Jesus a seus carrascos em troca de trinta moedas de prata.

Já em textos apócrifos, o discípulo é retratado, em alguns fragmentos, como um traidor – “o judeu, assim como o seu povo, que negou Jesus”¹⁸ –, tornando-se também um estigma de traição estendido a todos os judeus e, em um evangelho homônimo,¹⁹ aparece como o discípulo mais sábio e mais amado. Nesse texto, o apóstolo é participante de um plano divino, o único a compreender de fato a missão de Jesus. Segundo Delzi Laranjeira, “paradoxalmente, Judas é apresentado como uma figura positiva não porque não traiu Jesus, mas justamente por causa disso”.²⁰ Desse modo, sua atitude de delação pode ser considerada um ato heroico, uma vez que o próprio Jesus orientou que a traição seria necessária para que as profecias fossem cumpridas.

Os livros apócrifos parecem totalizar mais de cem textos, embora inúmeros manuscritos tenham sido destruídos nos primórdios do cristianismo; sua origem dos livros apócrifos ou gnósticos remete ao ano 364 d.C. O vocábulo “apócrifo” possui distintas significações. O dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa* assim o define: 1) obra religiosa destituída de autoridade canônica; 2) obra mantida na clandestinidade; 3) obra falsamente atribuída a um autor ou de autor desconhecido e 4) obra cujo texto se mostra diferente do que o autor escreveu.²¹ Para John Rogerson, o termo oscila conforme o segmento religioso que o emprega, visto que os livros “designados como

¹⁸ FARIA, Jacir de Freitas. *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos – poder e heresias!*: introdução crítica e histórica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 45.

¹⁹ Este evangelho, manuscrito egípcio atribuído a autores gnósticos, foi traduzido e publicado, em 2006, pela National Geophaphic Society (KASSER, Rodolphe; MEYER, Marvin; WURST, Gregor. *The Gospel of Judas*. Estados Unidos: National Geographic, 2006. Disponível em: <http://www.nationalgeographic.com/lostgospel/_pdf/GospelofJudas.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2013.).

²⁰ LARANJEIRA, Delzi Alves. Judas: da tradição à traição como literatura. *Suplemento Literário*. Edição especial: crimes, pecados e monstruosidades, Belo Horizonte, p. 10, 2009.

²¹ APÓCRIFO. In: HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

apócrifos pelos protestantes, e como deuterocanônicos e apócrifos pelos católicos, são todos considerados deuterocanônicos pelos ortodoxos”.²²

Nota-se que a definição é circunscrita, sobretudo, por relações de poder, englobando aspectos políticos e econômicos. Um dos critérios, por exemplo, para se estabelecer o que se entra no cânone bíblico seria o idioma: os livros – do Antigo Testamento ou Primeiro Testamento, segundo algumas concepções dos estudos bíblicos –, para serem canônicos, não poderiam ter sido escritos em grego. A língua grega, para os judeus, conforme aponta Jacir Faria, não era sagrada, uma vez que era a falada por seus opressores.

O termo “apócrifo”, além de se referir à heresia e à falsificação, remete ao conceito de originalidade. Na literatura, um texto apócrifo é aquele que se coloca como uma versão, não o original. Segundo Faria, os apócrifos podem ser classificados em: aberrantes, os que exageram os fatos, discordando totalmente da narrativa bíblica; complementares, aqueles que complementam o conteúdo do texto canônico, fornecendo alguns detalhes não encontrados na Bíblia, e alternativos, os que apresentam uma forma de cristianismo alternativo, diferente daquele que se tornou hegemônico.²³

A ficção se apropria tanto dos evangelhos canônicos quanto dos escritos apócrifos, encontrando, nesses textos, motivos para recriações e reescritas. Nesta dissertação, as relações entre textos serão analisadas com base nos pressupostos teóricos de Julia Kristeva e Umberto Eco, principalmente em *Introdução à semanálise*²⁴ e *Sobre a literatura*,²⁵ respectivamente.

²² ROGERSON, John William. A produção dos livros apócrifos. In: _____. *O livro de ouro da Bíblia: origens e mistérios do livro sagrado*. Trad. Talita Rodrigues. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2010. p. 101.

²³ FARIA, 2009, p. 45.

²⁴ KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. Trad. Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

²⁵ ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2003.

A descrição de Judas e seu crime de traição nos textos canônicos, a saber, os quatro evangelhos segundo Mateus, Marcos, Lucas e João,²⁶ não é homogênea. Se se tomar o texto de Marcos como o primeiro evangelho²⁷ e o de João como o último, notam-se consideráveis diferenças entre os dois no tratamento dispensado a Judas. Entre esses textos, há ainda os relatos de Lucas e Mateus, que também apresentam pontos dessemelhantes. O *Evangelho segundo Mateus*, por exemplo, é o único a mencionar o remorso de Judas antes de seu suicídio.

Um ponto em comum entre os textos bíblicos consiste no fato de o nome e o sobrenome de Judas estarem sempre em último lugar todas as vezes em que três, dos quatro evangelistas, Mateus, Marcos e Lucas, fazem uma listagem dos apóstolos:

Estes são os nomes dos doze Apóstolos: primeiro, Simão, também chamado Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, o filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Zelota, e Judas Iscariotes, aquele que o entregou.²⁸

Ele constituiu, pois, os Doze, e impôs a Simão o nome de Pedro; a Tiago, o filho de Zebedeu, e a João, o irmão de Tiago, impôs o nome de Boanerges, isto é, filhos do trovão, depois André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, o filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o zelota, e Judas Iscariot, aquele que o traiu.²⁹

Depois que amanheceu, chamou os discípulos e entre eles escolheu doze, aos quais deu o nome de apóstolos: Simão, a quem deu o nome de Pedro; seu irmão André; Tiago; João; Filipe; Bartolomeu; Mateus; Tomé; Tiago, filho de Alfeu; Simão, chamado Zelota; Judas, filho de Tiago; e Judas Iscariotes, que se tornou traidor.³⁰

²⁶ Todas as referências e abreviaturas dos textos bíblicos aqui utilizadas foram padronizadas conforme a Bíblia de Jerusalém (BÍBLIA DE JERUSALÉM. Vários tradutores. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002).

²⁷ O livro de Marcos é considerado, por alguns pesquisadores, o evangelho mais antigo.

²⁸ Mt 10:1-4.

²⁹ Mc 3:14-19.

³⁰ Lc 6:13-16.

Nesses trechos, Judas se distingue dos outros discípulos por meio do sobrenome “Iscariotes”; todos os outros apóstolos são chamados apenas pelo primeiro nome acrescido, às vezes, de sua filiação ou da profissão exercida. Se, por um lado, o termo “Iscariote”, segundo Tobias Churton,³¹ seria apenas um nome próprio, indicando “o homem de Cariote”,³² por outro, a etimologia de “Judas” é um ponto que já originou debates e controvérsias.³³

Para Churton, “Judah, Juda, Jude e Judas são todos o mesmo nome. Judas era um nome muito comum.”³⁴ Em hebraico *Yehudah*, significa “louvado”³⁵ e tem a mesma raiz do nome do antigo reino do Sul, Judá (Judeia), denotando, assim, apenas um gentílico ou a referência a um judeu, por extensão. Pode ser, conforme afirma Ian Ransom, “que os evangelistas tenham lhe dado esse nome para simbolizar sua crença de que todo o povo judeu havia traído Jesus.”³⁶ Essa interpretação exacerbou os ânimos antissemitas apoiados na noção de que os judeus seriam, assim, um povo deicida. A conexão entre Judas e os judeus,³⁷ ou seja, aqueles que o subornaram para a delação e os assassinos de Jesus, foi tomada como verdade e difundida

³¹ CHURTON, Tobias. *O beijo da morte: a verdadeira história do evangelho de Judas*. Trad. Martha Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

³² Segundo Churton, não há nenhuma menção a Cariote no Novo Testamento. A referência à cidade de Cariote aparece apenas em *Josué 25, 23* (CHURTON, 2009, p. 189).

³³ Alguns pesquisadores, por exemplo, sugerem que a associação de Judas à traição advém da raiz “*shqr*”, que significa “mentir”, “ser falso”, em hebraico, assim, Judas seria o mentiroso por excelência; outros relacionam a palavra com a cor vermelha, que sinalizaria a profissão de Judas ou a tonalidade de seu cabelo (ele seria ruivo). Cf. LOPES, Reinaldo José. Judas: o tesoureiro do grupo. *Revista das religiões*. Coleção Grandes Heróis Bíblicos. Apóstolos. São Paulo: Abril, p. 78, [s.d.].

³⁴ CHURTON, 2009, p. 188.

³⁵ CHURTON, 2009, p. 188.

³⁶ RANSOM citado por LOPES, [s.d.].

³⁷ É nessa perspectiva o relato do narrador do romance *A guerra no Bom Fim*, de Moacyr Scliar: “Depois viria o Pessach [Páscoa] e eles comeriam pão ázimo, recordando a saída do Egito; e depois a Sexta-Feira da Paixão. E por fim o Sábado de Aleluia, dia em que até as pedras da Rua Fernandes Vieira estavam cheias de ódio contra os judeus. Os cinamomos baixavam seus ramos para feri-los, o feroz cão ‘Melâmpio’ vinha do arrabalde para persegui-los latindo. Os goim [não judeus] caçavam judeus por todo Bom Fim. No dia seguinte estariam reconciliados e jogariam futebol no campo da Avenida Cauduro, mas no Sábado de Aleluia era preciso surrar pelo menos um judeu.” (SCLIAR, Moacyr. *A guerra no Bom Fim*. Porto Alegre: L&PM, 2004. p. 65-66.)

através dos tempos, relacionando um nome, explicitamente ligado aos judeus, a um mal absoluto.³⁸

A associação do discípulo ao Mal pode ser vista no *Evangelho segundo Lucas* e no *Evangelho segundo João*, como se percebe na descrição feita pelos evangelistas: “Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, do número dos Doze. Ele foi confidenciar com os chefes dos sacerdotes e com os chefes de guarda sobre o modo de lho entregar”,³⁹ “Não vos escolhi eu os doze? No entanto, um de vós é um diabo. Falava de Judas, filho de Simão Iscariotes.”⁴⁰ O retrato negativo do apóstolo continua a ser construído no decorrer dos capítulos. No episódio da unção de Jesus feita por Maria,⁴¹ por exemplo, em razão de ela derramar um perfume muito caro nos pés de Jesus, Judas teria reclamado que este era valioso demais e, se vendido, o dinheiro seria útil aos pobres. João, então, comenta: “Ele disse isso, não pelo cuidado que tivesse com os pobres, mas porque era ladrão; tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava”.⁴²

Ressalta-se que Judas, na narrativa canônica, como aponta Fernando Altemeyer, não foi o único apóstolo a trair Jesus: “Os outros também o fizeram, ao abandonar o mestre”. O discípulo Pedro também negou Jesus por três vezes, mas o único a levar a culpa foi Judas.⁴³ Nesse sentido, a traição de Judas foi considerada mais importante que outras traições porque este representou todo um povo, e mesmo tendo remorso pelos males que causara – a prisão, a condenação e a crucificação de

³⁸ DELUMEAU, Jean. Os agentes de Satã: II. O judeu. Mal absoluto. In: _____. *História do medo no Ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 278-309.

³⁹ Lc 22:3-6.

⁴⁰ Jo 6:70.

⁴¹ Jo 12:1-8.

⁴² Jo 12:6.

⁴³ ALTEMEYER, Fernando. *Queremos sempre um Messias e um Judas*. Entrevista. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/uolnews/cultura/2006/04/07/ult2618u40.jhtm>>. Acesso em: 28 jun. 2014.

Jesus –, tomou sobre si o pior dos pecados, considerado pela Igreja como imperdoável, o suicídio, o autoextermínio.⁴⁴

Assim, é possível perceber vários níveis de exacerbação do mal, no que se refere à teologia cristã, nas versões sobre o episódio bíblico da traição. Entre crime e pecado, as referências ao diabo, a traição e seus desdobramentos, sejam eles religiosos ou não, tornam-se uma oportunidade para refletir, na literatura, sobre as apropriações, as estratégias narrativas e as reescritas.

A reescrita, para Antoine Compagnon, se configura como um ato de citar, e designaria, “ao mesmo tempo duas operações – uma, de extirpação, outra, de enxerto – e ainda o objeto dessas duas operações – o objeto extirpado e o objeto enxertado – como se ele permanecesse o mesmo em diferentes estados”.⁴⁵ Nesse sentido, a história de Judas, ao ser transposto da Bíblia para a ficção, isto é, ao ser recortado, e inscrito, em outro contexto, se expandiria e tomaria outros sentidos além das exegeses que poderiam ser feitas dos textos religiosos.

Ancoradas nos relatos bíblicos e nos textos apócrifos, as versões literárias, que serão elencadas nesta dissertação, reencenam o personagem Judas ora como traidor, enfatizando o Mal que sobre ele tem domínio, ora como herói, desvinculando-o do crime, conectando-o, ao mesmo tempo, a um destino trágico, predestinado, como uma peça de uma engrenagem divina, ora como um simples humano, sujeito a erros e fraquezas. Essas reencenações – elaboradas com base em estratégias intertextuais – foram agrupadas, em um primeiro momento, em dois tipos de narrativas, uma vez que elas não produzem apenas simples remissões ao texto bíblico. Um primeiro grupo se valeria de uma perspectiva parafrástica, mantendo, assim, o sentido bíblico e reafirmando a malignidade do personagem e de seus atos, e um segundo grupo, que se desvia desse modelo em uma perspectiva irônica, construiria contrapontos aos relatos dos evangelhos, quer os canônicos, quer os apócrifos, relativizando a condição de traidor de Judas.

⁴⁴ Cf. PUENTE, Fernando Rey (Org.). *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

⁴⁵ COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 33.

Em uma tentativa de classificação, o romance *Judas*, de Aristides Ávila, a crônica “Uma história de Judas”, de João Alphonsus, o poema “Judas Iscariotes”, de Carlos Nejar e o cordel *Morte e ressurreição de Jesus*, de Varneci do Nascimento,⁴⁶ parecem se encaixar no grupo de narrativas que endossam a narrativa bíblica nas quatro versões evangélicas. Nesses textos ficcionais, há uma espécie de continuidade do discurso bíblico, ou como propõe Affonso Romano de Sant’Anna, uma “reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita”.⁴⁷ No romance de Ávila como se verá, reafirma-se o perfil tendencioso ao mal do personagem. O apóstolo é apresentado com feição vaidosa, apesar de caolho. Em uma espécie de diário, o protagonista confessa que talvez fosse o seu estrabismo que lhe conferia um duplo aspecto físico e, também, um caráter dúbio.

Essa duplicidade seria “em geral associad[a] principalmente a fenômenos de desdobramento de personalidade”.⁴⁸ Judas, nessa perspectiva, se configura tanto como um personagem antagonico a Jesus, tal qual relatado nos evangelhos canônicos, quanto como um personagem complementar, como nos textos apócrifos, ou mesmo como um personagem dúbio, como ocorrer no romance *Judas*, de Ávila. Para Ana Maria Lisboa de Mello, o duplo inscreve-se a partir de “toda a antítese, toda a cisão, toda fusão, todo o fenômeno especular”.⁴⁹

No segundo grupo de textos ficcionais, a serem arrolados no Capítulo 2, estariam a peça “O Judas e o Sábado de Aleluia”, de Martins Pena, a crônica “Malhação do Judas Carioca”,⁵⁰ de João Antônio, os romances *Evangelho segundo Judas*, de Geraldo Silveira, *Judas e a irmã de Jesus*, de José Fernandes, a crônica “Judas”, de Graciliano Ramos e o poema “Judas Iscariotes”, de Murilo Mendes, que

⁴⁶ NASCIMENTO, Varneci Santos do. *Morte e ressurreição de Jesus*. Gráfica Gutemberg: Paulo Afonso, 1999.

⁴⁷ SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 1991. p. 17.

⁴⁸ ROSSET, Clément. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Trad. José Thomaz Brum. São Paulo: L&PM, 1988. p. 19.

⁴⁹ MELLO, Ana Maria Lisboa de. Duplo. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionários de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2007. p. 229.

⁵⁰ ANTONIO, João. Malhação do Judas Carioca. In: _____. *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. p. 113-118.

podem ser vistos como seriam uma paródia do texto bíblico, conceito que, para Linda Hutcheon,⁵¹ produz novos níveis de sentido, desvios do texto canônico.

Se, por um lado, em *Evangelho segundo Judas*, de Silveira, por exemplo, a traição se apresenta com razões políticas (o discípulo teria delatado Jesus por acreditar que, após realizar tal feito, Jesus se revoltaria diante das autoridades tomando posse do trono de Davi e libertando o povo judeu do domínio do Império Romano), por outro, no romance de Fernandes, não há traição, propriamente dita, nem suicídio. Judas, ao lado de Miriam, irmã de Jesus, e de Claudia, esposa de Pôncio Pilatos, luta em favor de Jesus e morre em Roma, três anos depois de sua condenação à morte por crucificação.

Murilo Mendes iguala o comportamento de Judas ao de todos os outros discípulos:

Judas Iscariotes não é só homem da noite e do silêncio. / É também homem diurno, áspero, maquinando negócios. / Mas na comunidade de apóstolos / Serão mesmo todos puros e perfeitos? / Pedro, que recebeu a investidura do reino, / É fraco e vacilante. / Menos preciso que o galo / Três vezes trairá seu Mestre. / João, severo, intransigente, duro, / Reclama para Samaria a tempestade de fogo. / Tomé, racionalista, debruça-se na dúvida: / Desconfiado, exige a prova oficial do milagre, / Quer arrastar o Cristo até o laboratório.⁵²

Esta dissertação, portanto, listará textos literários que realizam uma releitura da história de Judas, ora desconstruindo o sentido do enredo bíblico, totalmente ou em parte, ora o preservando. Essas reescritas se apresentam como versões da narrativa canônica e podem ser vistas como uma traição a esse texto considerado como fonte. Nessa perspectiva, diante das versões parafrásticas e paródicas de

⁵¹ HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*: ensinamentos das formas de arte do século XX. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

⁵² MENDES, Murilo. Judas Iscariotes. In: _____. *Poesia completa & prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 804-805.

Judas, este trabalho arrolará os processos de reescrita, buscando verificar também em que medida a traição de Judas aponta para uma metáfora da literatura.

A ficção, assim, como será visto no Capítulo 3, indica para uma apropriação das versões bíblicas, isto é, dos quatro evangelhos, e propõe outras leituras que referendam essas versões ou delas se desviam para além de uma mera remissão ao texto bíblico. Se, para Borges, “toda modificação é sacrílega”,⁵³ toda reescrita engendra uma ruptura, uma traição. Signo duplo, esta pode aparecer tanto como tema, motivo da trama, quanto como procedimento narrativo.⁵⁴

Como tema, as narrativas desdobram a figura do traidor/conspirador histórico e literário; como artifício, elas adulteram ou emendam o texto nterior. A traição, assim, em sentido geral, pode ser entendida como uma apropriação desviante do texto canônico ou apócrifo pela literatura. Para Marcílio Castro, a traição é “um dos polos da tríade que inclui também a tradução e a tradição”.⁵⁵ O processo de traduzir, conforme Suzana Lages, será “uma forma específica de constituição de uma imagem literária e cultural, por meio de uma forma peculiar de manipulação de texto”,⁵⁶ o que configura, assim, um trabalho de reescrita de uma tradição.

Ao se reescrever a história da traição de Judas, os escritores acessam a tradição e reescrevem a história do personagem em múltiplas versões. O discípulo, nesse sentido, ao ser extraído, no sentido proposto por Compagnon, da narrativa bíblica ou apócrifa, é, pela literatura, atualizado, reinventado. Multifacetado, Judas é assunto inesgotável de ficção, como indica os textos de Jorge Luis Borges, conforme se verá posteriormente.

⁵³ BORGES, Jorge Luis. As versões homéricas. Trad. Claudio Fornari. In: _____. *Discussão*. São Paulo: Difel, 1986. p. 72.

⁵⁴ CASTRO, Marcílio França. A traição: jogo de papéis trocados (entre Arlt e Borges). *Caderno de Leituras*, n. 16. Edições Chão da Feira, 2013. Disponível em: <http://www.chaodafeira.com/wpcontent/uploads/2013/05/marcilio_chao1.pdf>. Acesso em: 30 maio 2013.

⁵⁵ CASTRO, 2013, p. 1.

⁵⁶ LAGES, Susana Kampff. A tradução como reescrita, subversão e transcrição. In: _____. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. p. 73-98.

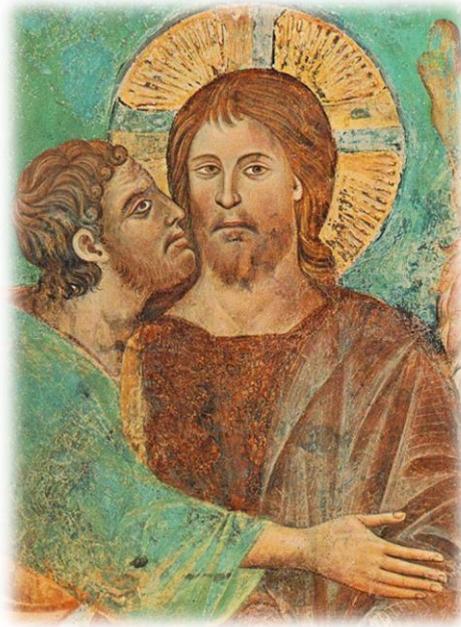
SOB O SIGNO DE JUDAS:
reescritas literárias da traição
Késia Rodrigues de Oliveira

Assim, com base na proposição de que o discurso literário se configura como um “roubo de palavras”, conforme argumenta Michel Schneider,⁵⁷ como um trabalho de citação, como demonstra Compagnon, esta dissertação inventariará algumas estratégias selecionadas de reescrita ficcionais de Judas e analisará a possibilidade de o personagem se configurar como uma metáfora da literatura contemporânea, entendendo-se o texto literário como uma forma de traição.

⁵⁷ SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras*: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Trad. Luiz Franco. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

CAPÍTULO 1

PARÁFRASES DA TRAIÇÃO



Prisão de Cristo, Igreja Cimabue Upper, São Francisco Assis (1820).

Julia Kristeva afirma que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”.⁵⁸ Em consonância com essa afirmação, Umberto Eco afiança que “os livros falam sempre de outros livros e toda história conta uma história já contada”.⁵⁹ Essas premissas, ao colocar em evidência o diálogo entre os textos e a apropriação como estratégia de construção literária, permitem ao leitor pensar que na narrativa ressoaria o rumor de outros textos de modo que, em cada texto, nessa perspectiva, não haveria um sentido único, fechado. Desse modo, o escritor acessa uma biblioteca, constituída por suas leituras, para, com esse material, construir suas histórias.

Considerar que a ficção se nutre da memória de textos alheios é também ponderar que toda escrita se configura como uma reescrita ou que escrever é sempre reescrever, citar, tal como argumenta Compagnon. A citação tem, portanto,

⁵⁸ KRISTEVA, 1974, p. 64.

⁵⁹ ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Trad. Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 20.

SOB O SIGNO DE JUDAS:
reescritas literárias da traição
Késia Rodrigues de Oliveira

o privilégio, entre todas as palavras do léxico, de designar ao mesmo tempo duas operações – uma, de extirpação, outra, de enxerto – e ainda o objeto dessas duas operações – o objeto extirpado e o objeto enxertado – como se ele permanecesse o mesmo em diferentes estados.⁶⁰

As duas operações– extirpar e enxertar – são, pois, estratégias do escritor que, nesta dissertação, serão vistas como reescrita, como forma de citação. O escritor remove um fragmento de um contexto quanto insere esse mesmo fragmento em outra narrativa, transformando, em partes, o texto citado. A reescrita, como citação, direta ou indireta, mutila e desenraíza⁶¹ o texto primeiro e, ao mesmo tempo, opera uma mudança, pois esse “fragmento escolhido converte-se ele mesmo em texto”.⁶² Nessa operação, os escritores descontextualizam um arquivo, inserindo-o em outro tempo e espaço, conferindo-lhe, dessa forma, a possibilidade de uma abertura de sentido.

O percurso literário de Judas, como esta dissertação pretende demonstrar, evidencia o diálogo entre os textos, tal como apontam Kristeva e Eco, e a escrita como um trabalho de citação, de extirpação e enxerto, como propõe Compagnon, tendo em vista que as referências ao personagem e as modificações pelas quais passa a narrativa bíblica sofrem, na literatura, expansões e reinvenções.

Ao reescrever a história da traição de Judas, os escritores retomam uma tradição, religiosa, e apontam, simultaneamente, para outros desdobramentos da história do discípulo pela ficção. Suas narrativas se configuram como versões profanas da história bíblica que são, às vezes, similares ou transgressoras, a ponto de colocar em xeque a própria noção de original, porque, calcadas no texto bíblico, elas podem, muitas vezes, confundir o leitor desavisado que for buscar, na ficção, o texto religioso.

A reescrita literária da Bíblia tem sido objeto de estudo e reflexão por parte de pesquisadores e teóricos que discutem gênero, ponto de vista narrativo, entre outras questões filosóficas e crítico-literárias. As Escrituras, com base nos estudos de Erich

⁶⁰ COMPAGNON, 2007, p. 33.

⁶¹ COMPAGNON, 2007, p. 13.

⁶² COMPAGNON, 2007, p. 13.

Auerbach⁶³ e Robert Alter,⁶⁴ só para citar alguns desses estudiosos, são abordadas de um ponto de vista narrativo, em seus elementos literários, como enredo, tempo, personagem, narrador. Ao pensar a hermenêutica bíblica, Paul Ricoeur⁶⁵ aponta para a crítica literária como uma técnica oriunda da análise de textos bíblicos.

De acordo com Moacyr Scliar, a Bíblia pode ser lida, no mínimo, de três diferentes modos:

em um primeiro lugar, podemos ver nela um guia ético-espiritual, uma fonte de disposições e de ensinamentos de caráter fundamentalmente religioso. Em segundo podemos ler a Bíblia como um documento de caráter histórico, expressão de uma cultura milenar. E, finalmente, podemos ler a Bíblia como um conjunto de textos literários.⁶⁶

Como guia ético-espiritual, documento ou um conjunto de textos literários, a Bíblia oferece ao leitor narrativas de cunho religioso, histórico, legal, poético. Na terceira abordagem, referenciada por Scliar, na qual se toma a Bíblia como literatura, as Escrituras se distanciam de seu pressuposto teológico. Ler as Escrituras como ficção seria, assim, considerar

a Bíblia como um conjunto de escritos produzidos por pessoas reais que viveram em épocas históricas concretas. Como todos os outros autores, essas pessoas usaram suas línguas nativas e as formas literárias então disponíveis para a auto-expressão, criando, no processo, um material que pode ser lido e apreciado

⁶³ AUERBACH, Erich. A cicatriz de Ulisses. In:_____. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 1-20.

⁶⁴ ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁶⁵ RICOUER, Paul. *A hermenêutica bíblica*. Trad. Paulo Menezes. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

⁶⁶ SCLIAR, Moacyr. Introdução: o fascinante universo bíblico. *Biblioteca Entrelivros: a Bíblia muito além da fé*, São Paulo, n. 2, p. 8-19, 2005.

nas mesmas condições que se aplicam à literatura em geral, onde quer que seja encontrada.⁶⁷

Esse material, lido como literatura, indica possibilidades de interpretações múltiplas do sagrado, de modo que o sentido das narrativas bíblicas se expande, conferindo ao leitor um papel mais ativo, visto que elabora os outros sentidos do texto. Para Eliana Malanga,⁶⁸ essa característica, que entende o texto bíblico como uma requisição, sempre presente, de interpretação, se aproxima do conceito de “obra aberta”, cunhado por Umberto Eco.⁶⁹

O conceito de Eco põe em pauta a contínua possibilidade de entradas e a reserva inesgotável de significados que podem ser atribuídos a uma obra. Para Malanga, considerando a “capacidade de comunicação do texto bíblico”,⁷⁰ as Escrituras seriam um conjunto de textos que são interpretados, traduzidos e, pelos ficcionistas, reescritos. Esse jogo entre leitura e escritura aponta para algumas estratégias intertextuais de construção da literatura.

Laurent Jenny⁷¹ afirma que

o que caracteriza a intertextualidade é introduzir um novo modo de leitura que faz estalar a linearidade do texto. Cada referência intertextual é o lugar de uma alternativa: ou prosseguir a leitura, vendo apenas no texto um fragmento como qualquer outro, que faz parte integrante da sintagmática do texto – ou então voltar ao texto-origem, procedendo a uma espécie de anamnese intelectual em que a referência intertextual aparece como um elemento paradigmático “deslocado” e originário duma sintagmática esquecida. Na realidade, a alternativa apenas se apresenta aos olhos do analista. É em simultâneo que estes dois processos operam na leitura – e na palavra – intertextual, semeando o texto de bifurcações que lhe abram, aos poucos, o espaço semântico. Sejam quais forem os textos assimilados, o

⁶⁷ GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura*. Trad. Adail Sobral e Mana Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 17.

⁶⁸ MALANGA, Eliana Branco. *A Bíblia Hebraica como obra aberta: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas / Fapesp, 2005.

⁶⁹ ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas*. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2005.

⁷⁰ MALANGA, 2005, p. 24.

⁷¹ JENNY, Laurent. A estratégia da forma. Trad. Clara Rocha. *Poétique*, Coimbra, n. 27, p. 5-49, 1979.

estatuto do discurso intertextual é assim comparável ao de uma super-palavra, na medida em que os constituintes deste discurso já não são palavras, mas sim coisas já ditas, já organizadas, fragmentos textuais.⁷²

Tanto a noção de bifurcação quanto a ideia de superpalavra referidas no texto aproximam-se do conceito de “obra aberta” e delineiam o que poderia ser visto como o potencial narrativo da intertextualidade. Nas reescritas de Judas, a relação intertextual com os evangelhos canônicos configura, assim, como afiança a citação de Jenny, distintos modos de ler, nos quais o leitor se vê impelido a identificar, implícita ou explicitamente, os vestígios bíblicos.

A Bíblia, neste sentido, será abordada aqui de um ponto de vista literário, considerando-se o texto como uma “obra aberta” e com atenção aos desdobramentos intertextuais que ele possibilita. Assim, os evangelhos canônicos se tornam, então, o ponto de partida para refletir sobre uma faceta da literatura na qual se pode observar a constante reescrita do personagem Judas e do episódio da traição. Tomando o texto bíblico como narrativa, será possível compreender os personagens como figuras de ficção e perceber “as numerosas modalidades de exame do uso engenhoso da linguagem, das variações no jogo de ideias, das convenções, dicções, sonoridades, do repertório de imagens, da sintaxe, dos pontos de vista narrativos”,⁷³ aproximando-se, assim, dos textos literários que serão elencados. Nesse sentido, os quatro evangelhos canônicos, atribuídos a Mateus, Marcos, Lucas e João, serão considerados como quatro narrativas, ou seja, versões de quatro narradores sobre um mesmo tema.

Os relatos dos evangelistas se aproximam da visão do profeta Ezequiel:

Eu olhei: havia um vento tempestuoso que soprava do norte, uma grande nuvem e um fogo chamejante; em torno, de uma grande claridade e no centro algo que parecia electro, no meio do fogo. No centro, algo com forma semelhante a quatro seres

⁷² JENNY, 1979, p. 21-22.

⁷³ ALTER, 2007, p. 28.

vivos, mas cuja aparência fazia lembrar uma forma humana. Cada qual tinha quatro faces e quatro asas.⁷⁴

Os quatro rostos da visão prefiguram, assim, simbolicamente, em uma interpretação cristã, cada evangelista e cada uma de suas versões. Os relatos evangélicos não têm, nessa perspectiva, uma unicidade intrínseca, mas se comporiam de faces que podem ser interpretadas e multidimensionais.

A multiplicidade de narradores, portanto de versões e pontos de vista, desde a Bíblia, contribui para o enriquecimento de personagens que, pela ficção, são revisitados. Se os textos bíblicos já não se apresentam como um conjunto único, fechado em um só relato, a literatura se vale dessa multiplicidade para fazer proliferar os relatos sobre Judas que vão endossar ou modificar o texto.

Para Umberto Eco, “quando a citação é explícita e reconhecível, estamos então próximos da paródia ou da homenagem ou, como acontece na literatura e na arte pós-moderna, do jogo irônico sobre a intertextualidade”.⁷⁵ Esse jogo se articula com a possibilidade de uma dupla leitura: o texto poderia ser lido sem o reconhecimento das remissões intertextuais ou com consciência destas.

A ironia intertextual destacada por Eco compreende, pois, a capacidade de extração do máximo da significação de uma obra literária. Para exemplificar, ele compara *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, com o conto “Pierre Menard, autor do Quixote”, de Jorge Luis Borges:

Quem nunca ouviu falar de Cervantes apreciaria uma história afinal apaixonante, uma série de aventuras heroico-cômicas cujo sabor sobrevive ao castelhano não moderníssimo em que são escritas. Quem, no entanto, perceber a remissão constante ao texto cervantino estará em condições de captar não apenas as correspondências entre este e o texto menardiano, mas também a constante e inevitável ironia deste último.⁷⁶

⁷⁴ Ez 1:1-5.

⁷⁵ ECO, Umberto. Ironia intertextual e níveis de leitura. In:_____. *Ensaaios sobre a literatura*. Trad. Eliana Aguiar. São Paulo: Record, 2003. p. 199- 218.

⁷⁶ ECO, 2003, p. 220.

A remissão ao texto de Cervantes, em Borges, revela, assim, a competência do leitor em “captar”, na referência, não só uma homenagem, mas também uma “constante e inevitável ironia”. A estratégia de construção ficcional de Borges é, sobretudo, um exercício de reescrita.

Também para Compagnon, a obra de Borges representa

a exploração mais aguda do campo da reescrita, sua extenuação. Pois se a escrita é sempre uma reescrita, mecanismos sutis de regulação, variáveis segundo as épocas, trabalham para que ela não seja simplesmente cópia, mas uma tradução, uma citação.⁷⁷

Para o crítico, o conto “Pierre Menard, autor do Quixote”, realiza, portanto, o que seria o “ideal do texto”, ou seja, a repetição que se distingue da mera cópia.

A seguir, serão listadas alguns textos ficcionais que retomam os evangelhos, no que diz respeito à história de Judas. Nessas narrativas é explícito o sentido da homenagem, tal qual pensado por Eco, bem como o da citação, como queria Compagnon.

1.1 Sob o signo da paráfrase

A ideia de homenagem, pensada por Eco, pode ser aproximada à de paráfrase, cuja característica principal consiste em dar certa continuidade a um primeiro texto. O conceito, tradicionalmente, associa-se a uma retomada de textos dos quais se mantêm algumas ideias. Etimologicamente, o termo deriva do latim *paraphrasis*, que significa “continuidade ou repetição de uma sentença”, e, em sentido restrito, compreende tanto a explicação de um conteúdo quanto a imitação de um texto.⁷⁸

Segundo Helena Beristáin, a paráfrase é a

interpretação livre e geralmente ampliada de um texto. Pode se dar a partir de obras escritas na mesma língua ou em outras. Pode ter propósito didático ou literário. No primeiro caso, reduz

⁷⁷ COMPAGNON, 2007, p. 42.

⁷⁸ KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 136-137.

os tropos, quer dizer, explica-os, verte o sentido figurado das expressões para um sentido literal; traduz a linguagem conotativa para uma linguagem denotativa. No segundo caso, trata-se da recriação poética do mesmo tema, pela qual os tropos do original podem assumir outros tropos [sic] na paráfrase, uma metáfora pode ser explicada por outra metáfora.⁷⁹

Tanto a interpretação livre ou ampliada de um texto quanto a recriação poética própria da paráfrase podem ser aproximadas da reescrita do episódio de Judas pela literatura. Os textos ficcionais recriam o episódio bíblico, em suas quatro versões evangélicas, e ultrapassam os limites da reafirmação ou resumo desse texto-matriz.

Affonso Romano de Sant’Anna, ao estudar as teorias de Iuri Tynianov e de Mikhail Bakhtin, explica a paráfrase como uma “conformação do texto-matriz, contrapondo-a à paródia”.⁸⁰ Para ele, mais do que um efeito retórico, a paráfrase é o efeito ideológico de continuidade de um pensamento, fé ou procedimento estético. Sant’Anna aproxima, ainda, o conceito ao campo da imitação e da cópia, considerando a paráfrase como uma tradução ou uma transcrição. Ele recorre também a John Dryden, para quem a paráfrase é uma “tradução com amplitude quando o autor continua aos olhos do tradutor para que este não se perca, mas não segue as palavras tão estritamente, senão o sentido”,⁸¹ e continua: na paráfrase “ocorre um jogo de diferenciação em relação ao texto original, sem que, contudo, haja traição ao seu significado”.⁸²

Para Eneida Maria de Souza, há uma estreita relação entre a operação tradutória e a apropriação textual, que poderá recair na paráfrase, no plágio ou na paródia.⁸³ Embora a aproximação entre o conceito de paráfrase e a noção de tradução seja importante, convém ressaltar que o processo de traduzir como “uma forma

⁷⁹ BERISTÁIN, Helena. *Diccionario de Retórica y Poética*. México, DF: Ed. Porrúa, 2006. p. 288. Citado por BARROSO, Carmen *et al.* Paráfrase e memória: estratégias persuasivas do discurso publicitário contemporâneo. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/221/218>>. Acesso em: 30 maio 2015.

⁸⁰ SANT’ANNA, 1991.

⁸¹ SANT’ANNA, 1991, p. 18.

⁸² SANT’ANNA, 1991, p. 24.

⁸³ SOUZA, Eneida Maria. *Traço crítico: ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 18.

específica de constituição de uma imagem literária e cultural, por meio de uma forma peculiar de manipulação de textos”,⁸⁴ pode se realizar de várias formas.

A seguir, serão elencados alguns textos literários, a saber, o romance *Judas*, de Aristides Ávila;⁸⁵ o conto “Uma história de Judas”, de João Alphonsus;⁸⁶ o poema “Judas Iscariotes”, de Carlos Nejar;⁸⁷ e o cordel *Morte e ressurreição de Jesus*, de Varnecki do Nascimento,⁸⁸ que tematizam a história de Judas, conferindo certa continuidade aos evangelhos, ou seja, efetuando, segundo as noções de paráfrase de Sant’anna, a sua reescrita.

1. 2 Duplicidades em *Judas*, de Aristides Ávila⁸⁹

Dividido em cinco grandes capítulos, o romance narra os acontecimentos da vida de Jesus, descritos nos quatro evangelhos canônicos, do ponto de vista do discípulo acusado de traição.

No primeiro capítulo, narrado em terceira pessoa, apresenta-se a história de Jesus:

Assim foi, conforme a predição, pois, em remotos dias, quando ainda em Nazaré, o anjo Gabriel tinha anunciado: – Salve Maria! O Senhor é contigo. Achaste graça diante de Deus. Conceberás e terás um filho, a quem hás de chamar Jesus. Ele reinará eternamente, e não terá fim o seu reino.

[...] ⁹⁰

Crescia, pois, o menino-deus ao calor do paternal afeto de José e do desvelo suave de Maria, progredindo no saber, na estatura e na graça de Deus, para edificação dos homens.⁹¹

⁸⁴ LAGES, 2007, p. 76.

⁸⁵ ÁVILA, 1953.

⁸⁶ ALPHONSUS, 2006.

⁸⁷ NEJAR, 1999.

⁸⁸ NASCIMENTO, 1999.

⁸⁹ Tradutor e escritor, Aristides Ávila (1896-1960) é autor de *Terra abençoada* (1941), *Juízo final além de outros casos de menor gravidade* (1944), *A teoria da distância* (1950), dentre outros títulos.

⁹⁰ ÁVILA, 1953, p. 20.

⁹¹ ÁVILA, 1953, p. 23.

A narrativa segue, como se pode observar, a mesma sequência dos evangelhos. Tome-se, por exemplo, a descrição do relato do nascimento de Jesus do *Evangelho segundo Lucas*:

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Entrando onde ela estava, disse-lhe: “Alegre-te, cheia de graça, o Senhor é contigo.” [...] O anjo acrescentou: “Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás luz a um filho, e o chamarás de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor que lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó para todo o sempre, e o seu reinado não terá fim.”⁹²
E o menino crescia, tornava-se robusto, enchia-se de sabedoria; e a graça de Deus estava com ele.⁹³

Em face da proximidade da linguagem do romance com o relato bíblico, é possível afirmar que a narrativa de Ávila apresenta um tom bíblico, que pode ser detectado ao longo de todo o romance. No segundo capítulo, “O raio de luz”, narra-se o suicídio de Judas após a crucificação de Jesus: “Quando Judas se enforcou e, de seu corpo morto, permaneceram vivos somente os dois olhos estrábicos e dilatados pelo assombro, seu olhar cruzou-se com o olhar do Mestre, que incidia sobre ele com a doçura do amor e a serenidade da justiça”.⁹⁴

No terceiro e no quarto capítulos, em uma espécie de exame de consciência, Judas tem voz e relata, em primeira pessoa, os acontecimentos de sua vida, desde sua infância até o momento em que começou a fazer parte do grupo dos seguidores de Jesus. Esse narrador, semelhantemente aos evangelistas, apresenta-se como testemunha dos fatos, relatando suas reações subjetivas, desde a alegria de encontrar Jesus à dúvida sobre o fato de ser mesmo ele o Messias. O romance finda, em terceira pessoa, com o retorno da imagem do suicídio do discípulo: “– Assim falou a alma de Judas, o Iscariotes. Tudo isso reviveu no espaço imponderável de um instante, pois, no infinito, não há fração de tempo; não se mede a eternidade”.⁹⁵

⁹² Lc 1:26-32.

⁹³ Lc 2:39-40.

⁹⁴ ÁVILA, 1953, p. 45.

⁹⁵ ÁVILA, 1953, p. 181.

Nos evangelhos canônicos, Judas é apresentado como alguém que havia sido escolhido por Jesus para ser um dos doze discípulos. Encarregado de guardar a bolsa que continha o dinheiro usado para as despesas do grupo e, por isso, acusado por João de ser um ladrão, o discípulo teria sido responsável pela denúncia, prisão e execução de Jesus. As versões do *Evangelho segundo Mateus* e do *Evangelho segundo Marcos*, por exemplo, ligam a traição de Judas à possível ganância do discípulo – que teria traído o seu mestre, recebendo por isso a quantia de trinta moedas de prata. Já o *Evangelho segundo Lucas* e o *Evangelho segundo João* atribuem a traição a uma influência demoníaca. A imagem de Judas nesses textos é composta por muitas nuances.

No *Evangelho segundo Marcos*, por exemplo, o apóstolo é visto como um traidor:

E constituiu Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar e terem autoridade para expulsar os demônios. Ele constituiu, pois, os Doze e impôs a Simão o nome de Pedro; a Tiago, o filho de Zebedeu, e a João, o irmão de Tiago, impôs o nome de Boanerges, isto é, filhos do trovão, depois André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, o filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o zelota, e Judas Iscariot, aquele que o traiu.⁹⁶

Sendo assim, a constituição dos discípulos por Jesus inclui Judas. Além da lista dos doze, com algumas genealogias e características, o relato de Marcos deixa explícita a traição de Judas.

No *Evangelho segundo João*, Judas é descrito tanto como o tesoureiro do grupo – “Como era Judas quem guardava a bolsa comum, pensavam alguns que Jesus lhe dissera: ‘Compra o necessário para a festa’, ou que desse algo aos pobres.”⁹⁷ – quanto como um ladrão:

Disse então, Judas Iscariotes, um de seus discípulos, aquele que o entregaria: “Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários para dá-los aos pobres?” Ele disse isso, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e tendo a bolsa comum, roubava o que aí era posto.⁹⁸

⁹⁶ Mc 3:14-19.

⁹⁷ Jo 13:29.

⁹⁸ Jo 12:4-7.

O discípulo, nesse relato, aparece ainda associado à figura do diabo: “Não vos escolhi, eu, aos doze? No entanto, um de vós é um diabo. Falava de Judas, filho de Simão Iscariotes. Este, um dos Doze, o haveria de entregar”⁹⁹ Apesar de esses trechos consolidarem uma imagem maléfica do discípulo, conforme ressalta o teólogo Fernando Altemeyer, Judas não foi o único apóstolo a trair Jesus: “os outros também o fizeram, ao abandonar o mestre. Pedro, por exemplo, negou o amigo três vezes. O único a levar a culpa, no entanto, foi Judas.”¹⁰⁰

O romance referenda essa caracterização de Judas como ladrão:

Certa ocasião – nem me lembro onde – quando involuntariamente eu divertia a turva numa praça, com histórias fabulosas que costumava inventar para embair alguém, formaram-se dois grupos: dos que me injuriavam e dos que me defendiam. E cheguei a perceber comentários como estes:

- Quem é ele?
- Um tal Judas, filho de Simão, natural de Keriot.
- E que faz ele?
- Não vês? Vive de trapaças e por muito pouco. Quase sempre se contenta com uma tâmara.¹⁰¹

O trecho, além reescrever a versão do *Evangelho segundo João*, encenando a infâmia do discípulo, apresenta também algumas sutis diferenças. O texto literário se configura, portanto, como uma repetição, no que tange aos fatos narrados, mas com a diferença de conferir voz a Judas, o que não ocorre na Bíblia. No romance, Judas se apresenta, assim com os quatro evangelistas, como uma testemunha dos fatos:

Eu próprio acompanhei depois o centurião até o subúrbio. Conheço o paralítico há vários anos, e vi como ele nos recebeu, de pé, à porta da casa. Mas não é só. Meus olhos enxergaram coisa melhor. Um dia, como o Cristo andasse visitando as cidades desta região, aproximou-se de Naím, que fica ao pé do Estrelon. De repente a multidão que acompanhava o Mestre parou, a fim de dar passagem a um cortejo fúnebre. À frente caminhava uma pobre mulher, que dizia ser viúva e mãe do defunto, seu filho único. Jesus compadeceu-se da mãe, chegou

⁹⁹ Jo 6:70-71.

¹⁰⁰ ALTEMAYER citado por HAMA, Lia. Judas Iscariotes: de traidor a herói. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/judas-iscariotes-traidor-heroi-434689.shtml>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

¹⁰¹ ÁVILA, 1953, p. 53.

ao esquife, tocou o cadáver com a mão, e deu vida ao corpo. O que estava morto ergueu-se, falou e partiu, de volta, vivo como antes.¹⁰²

Esse relato se assemelha, como se vê, ao de Lucas, quando este narra a ressurreição do filho da viúva de Naim. No relato bíblico,

[Jesus] foi em seguida a uma cidade chamada Naim. Seus discípulos e numerosa multidão caminhavam com ele. Ao se aproximar da porta da cidade, coincidiu que levavam a enterrar um morto, filho único de mãe viúva; e grande multidão da cidade estava com ela. O Senhor, ao vê-la, ficou comovido e disse-lhe: “Não chores!” Depois, aproximando-se, tocou o esquife, e os que o carregavam pararam. Disse ele, então: “Jovem, eu te ordeno, levante-te!” E o morto sentou-se e começou a falar.

Destaca-se o caráter duvidoso do discípulo:

Quanto a mim, porém, herdei a dúvida de origem, que me ficou estampada quer por dentro quer por fora. E o pior dos estigmas foi o estrabismo, que emprestou à minha fisionomia, desde cedo, um duplo aspecto e um caráter dúbio. Olhos desiguais num rosto sem simetria, quem me visse de um lado e, depois me observasse de outro, havia de jurar que jamais me conhecera.¹⁰³

Observa-se, nesse fragmento, que a descrição física de Judas é moldada como um duplo. Nicole Fernandez Bravo, no verbete “Duplo”, do *Dicionário de mitos literários*, afirma: “O duplo é sempre uma figura fascinante para aquele que ele duplica, em virtude do paradoxo que representa (ele é ao mesmo tempo inferior e exterior, está aqui e lá, é oposto e complementar), e provoca no original reações emocionais extremas (atração/repulsa).¹⁰⁴

As expressões “duplo aspecto”, “caráter dúbio” revelam para uma duplicação do personagem, não só no que diz respeito à sua inclinação psicológica para o mal, mas também para sua configuração física, marcada pelos “olhos desiguais”, pela ausência de simetria. Portanto, a um estrabismo moral que seria evidenciado desde o

¹⁰² ÁVILA, 1953, p. 73.

¹⁰³ ÁVILA, 1953, p. 52.

¹⁰⁴ BRAVO, Nicole. Duplo. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind e outros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 263.

aspecto físico, pensando, principalmente com base nas reflexões de Clément Rosset, para quem o duplo está “associado principalmente a fenômenos de desdobramento de personalidade”,¹⁰⁵ como se vê no relato do narrador. Além dessas questões, vale lembrar a reflexão de Ana Maria Lisboa Mello, para quem o duplo seria toda antítese, cisão, fusão e espelhamento.¹⁰⁶

Além da duplicidade de caráter, Judas é um duplo antagônico de Jesus. De um lado, o homem divino, sua conformação como salvador e ungido de Deus, que é amparada pelos fiéis com profecias, palavras enigmáticas e místicas consolidadas na sua vida terrena narrada por quatro evangelistas; do outro, também narrado pelos evangelistas, alguém que havia sido escolhido por Jesus para ser um dos doze discípulos, mas sujeito aos desvãos da natureza pecaminosa e à tendência, de acordo com os relatos bíblicos, para ser instrumento do Mal.

O romance *Judas* pode contrastar, ainda, da narrativa bíblica, pela riqueza de detalhes relativos aos personagens e episódios que, no texto sagrado, são apresentados em um texto enxuto e sem muitos pormenores. Segundo o célebre texto de Auerbach,

[...] de um lado, fenômenos acabados, uniformemente iluminados, definidos temporal e espacialmente, ligados entre si, sem interstícios, um primeiro plano; pensamentos e sentimentos expressos, acontecimentos que se desenvolvem com muito vagar e pouca tensão. Do outro lado, só é acabado formalmente aquilo que nas manifestações interessa à meta da ação; o restante fica na escuridão.¹⁰⁷

O que fica na escuridão pode, então, ser passível de ser iluminado pela invenção. No romance, por exemplo, o trecho em que Judas aparece na listagem dos apóstolos e associado ao demônio é expandido:

como sempre, marchava eu por último, vagorosamente e taciturno. Dessa vez, outro motivo concorria para me fazer mais esquivo ainda: já então se apossara de mim uma ideia

¹⁰⁵ ROSSET, 1988, p. 19.

¹⁰⁶ MELLO, 2007, p. 229.

¹⁰⁷ AUERBACH, 2002, p. 9.

pecaminosa, que só o demônio teria soprado em meus ouvidos.¹⁰⁸

No que diz respeito à traição, o romance reescreve o desfecho bíblico da versão presente no *Evangelho segundo Mateus*, no qual se relata a morte de Judas por enforcamento. Entretanto, a causa do suicídio se contrapõe ao relato dos evangelistas de modo que o romance estabelece um ponto de vista distinto do bíblico, evitando, assim, que a narrativa se transforme em mera cópia ou em uma simples paráfrase do Segundo Testamento.

Se, nos relatos bíblicos, Judas traiu Jesus pelo desejo de ganhar dinheiro por inspiração demoníaca, e o arrependimento pela traição levou-o ao suicídio, no romance, tanto a traição quanto o suicídio denunciam a falência de sua fé em Jesus como Messias:

Ali estava perto de mim, o primeiro inimigo a combater: Yeshua bem Joseph, patrono do gentio e falso redentor, cuja doutrina, contrária à lei, dividia o povo eleito e quebrava as suas energias. Não! Eu não seria o traidor de Israel.¹⁰⁹

Nesse trecho, a voz ficcional de Judas desdobra a narrativa bíblica, colocando-o no centro da trama, em contraponto aos evangelhos que, como não podem deixar de ser, privilegiam a figura de Jesus. Também é essa voz ficcional que amplia os significados sem quebrar o sentido original dos textos evangélicos.

1.3 Aparições em “Uma história de Judas”, de João Alphonsus¹¹⁰

Uma expansão do texto bíblico sem modificar o sentido da ideia de traição pode ser encontrada em “Uma história de Judas”, de João Alphonsus. O conto descreve o diálogo do personagem Sizenando com uma encarnação de Judas. Segundo descreve o narrador em primeira pessoa, Judas teria aparecido a ele pelo fato de ter

¹⁰⁸ ÁVILA, 1953, p. 93.

¹⁰⁹ ÁVILA, 1953, p. 156.

¹¹⁰ Poeta modernista e contista, João Alphonsus de Guimaraens (1901-1944) é autor de *Galinha cega* (1931), *Rola-Moça* (1938), *Pesca da baleia* (1942), dentre outros títulos.

sido este o único a lhe dedicar um pensamento de simpatia em uma Sexta-Feira da Paixão.

A narrativa se inicia com Sizenando comparando um rival de repartição com o personagem bíblico:

O jornal anunciava bailes a fantasia para Sábado de Aleluia, o que o fez recordar um companheiro de repartição, seu rival na candidatura à promoção iminente. Tal colega era um sujeito carnavalesco, chefe de foliões, e safado como poucos! Perito em traições, como Judas... Mas logo teve pena de Judas: por que comparar o traidor de Jesus àquele sujeito, se o pobre Judas não devia ser tão mau assim, coitado?¹¹¹

O colega de repartição, perito em traições, de acordo com o narrador, também é rival, carnavalesco e safado. Dessa forma, evidencia-se o caráter de representação e farsa do personagem descrito, além de suas falhas morais semelhantes a Judas. A ressalva sugere, ainda, que o caráter do rival seria pior do que o do personagem bíblico.

Da varanda de sua casa, enquanto medita sobre o colega, ele observa alguém que se aproxima e logo recomenda à criada que verifique do que se trata. Ao retornar, a mulher informa que “o estranho visitante” afirma ser Judas Iscariotes. Para Juliana Silveira, o que se segue é uma conversa que “trata do motivo da aparição e da compreensão do anfitrião sobre o ato de trair, já que este não reconhece a traição na própria conduta, e sim nas demais pessoas. Entre perguntas e explicações, Judas se apresenta como vítima da determinação divina”.¹¹²

Num primeiro momento, têm-se a comparação do colega de repartição, odiado por Sizenando, a Judas. Posteriormente, a aparição desse estranho visitante se apresenta como Judas. Ao contrário do relato bíblico, em que o discípulo é construído como um criminoso que rouba e trai Jesus por interesse, nessa narrativa, o personagem justifica suas ações por ser participante de um plano divino: “Do meu beijo perjuro dependia a redenção da humanidade. Ora, eu conhecia as profecias, acreditava no Divino Mestre, sabia que era o momento de surgir o traidor.”¹¹³

¹¹¹ ALPHONSUS, 2006, p. 156.

¹¹² SILVEIRA, 2014.

¹¹³ ALPHONSUS, 2006, p. 156.

Além da comparação e da aparição, a referência a Judas, no conto, coloca em cena a semelhança de Sizenando ao discípulo traidor, portanto, sua identificação. Se, nos evangelhos canônicos, a traição é explicada pela ambição em obter trinta moedas de pratas (*Evangelho segundo Mateus*) ou pela cobiça do poder (*Evangelho segundo João*), no conto, a traição de Sizenando se realiza por ele almejar o cargo de um colega de repartição. Desse modo, como uma máscara, a condição de Judas vai se desdobrando na história.

A narrativa se encerra com o suicídio do personagem em face da sua perturbação com a aparição de Judas:

[...] o estranho imprime em Sizenando uma afirmação que o perturba: suas culpas não permanecerão encobertas, mas pagará por elas. Para ter a certeza de que tudo não passou de um sonho, o homem pega um revólver na gaveta da escrivaninha e conclui que, sendo um sonho, ao atirar, tudo passará.¹¹⁴

Assim, o personagem Sizenando, tal qual Judas, do relato bíblico, comete suicídio.

A reescrita da história de Judas por João Alphonsus aproxima o traidor bíblico de outro maldito da tradição cristã. O Judas de Alphonsus confessa sua pena: “o calçamento era de asfalto, e eu tinha pressa de perambular, perambular, perambular... Isto faz parte dos castigos impostos a Judas Iscariotes.”¹¹⁵ Esse trecho permite entrever alguns pontos de contato com a lenda medieval de Judas Ahasverus. Figura trágica, como poucas, esse personagem difuso, produzido com base em lendas e crônicas da tradição oral, refere-se a um judeu condenado a errar, por haver esbofeteado Jesus, e a aguardar até o Juízo Final para sua redenção.¹¹⁶

¹¹⁴ SILVEIRA, 2014.

¹¹⁵ ALPHONSUS, 2006, p. 156.

¹¹⁶ ROUARTE, Marie-France. O mito do Judeu Errante. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind *et al.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. p. 665-672.

1.4 Repetições em “Judas Iscariotes”, de Carlos Nejar¹¹⁷

O poema “Judas Iscariotes”, de Carlos Nejar, também expande o relato bíblico conferindo voz ao discípulo traidor, sem, contudo, negar a versão bíblica. O poema, em primeira pessoa, encena ironicamente o suicídio do apóstolo. Essa morte, nos evangelhos, é descrita em duas versões.

No *Evangelho segundo Mateus*, o personagem sente remorsos e tenta devolver as trinta moedas de prata:

Então Judas, que o entregara, vendo que Jesus fora condenado, sentiu remorsos e veio devolver aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos as trinta moedas de prata, dizendo: “Pequei, entregando o sangue de um inocente.” Mas eles responderam: “Que temos nós com isso? O problema é teu”. Ele, atirando as moedas no Templo, retirou-se e foi-se enforcar.¹¹⁸

Em *Atos*, relata-se o uso do pagamento pela traição:

[Judas] adquiriu um terreno com o salário da iniquidade e, caindo de cabeça para baixo, arreventou pelo meio, derramando-se todas as suas entranhas. O fato foi tão conhecido de todos os habitantes de Jerusalém que esse terreno foi denominado, na língua deles, Hacéldama, isto é, “Campo de Sangue”.¹¹⁹

Os dois trechos citados delineiam o remorso, a culpa e a confissão do pecado de se trair um inocente, e, para além disso, o lucro obtido com esse ato considerado condenável e vil.

No poema de Nejar, a repetição do relato canônico se estabelece por meio das referências à morte de Judas por enforcamento, à delação por dinheiro e ao beijo do traidor:

Desta árvore
A humanidade pende
calada.
Pende a teia
E sua larva.

¹¹⁷ Poeta, ficcionista, tradutor e crítico literário, Carlos Nejar (1939-) é autor de *O poço do calabouço* (1977), *O chapéu das estações* (1978), *A genealogia da palavra* (1989), dentre outros títulos.

¹¹⁸ Mt 27:3-5.

¹¹⁹ At 1:18-19.

SOB O SIGNO DE JUDAS:
reescritas literárias da traição
Késia Rodrigues de Oliveira

Pende a negra aranha
Dos dinheiros.
Pende o beijo.
Pende o escárnio,
a delação
como um broto
esvaído no ramo.
Pende a vida
Que escolhi e está suspensa
Entre os dias e mim.
E o amor perenemente
Penso
Neste recado a ti:
Também estou preso
Na mesma cruz
Mas não ressuscitei¹²⁰

Judas, nesse monólogo, se compara a Jesus em seu sofrimento, reiterando a ideia de duplo tal qual a detectada no romance de Aristides Ávila. A imagem da árvore, criada pelo poeta, faz confluir com a do suicídio, agora em primeiro plano, que se assemelha, pois, ao madeiro de onde pendeu Jesus. Dessa forma, as imagens de Jesus e Judas são colocadas em espelho.

No que se refere ao tema e ao sentido, o texto de Carlos Nejar não varia em relação ao relato bíblico, o que se realiza, no entanto, no aspecto formal, a sua reescrita, ou sua tradução, em forma poética.

1.5 Revisitações em *Morte e ressurreição de Jesus*, de Varneci do Nascimento¹²¹

A literatura de cordel também revisita o episódio bíblico de Judas. Em *Morte e ressurreição de Jesus*, Nascimento realiza uma reescrita do episódio da Paixão de Cristo, seguindo passo a passo a narrativa bíblica.

No cordel, a reescrita se dá, por exemplo, no relato da prisão de Jesus:

No Riacho do Cedron
Onde havia um jardim
Jesus reúne seus discípulos

¹²⁰ NEJAR, 1999, p. 129.

¹²¹ Historiador e escritor, Varneci Santos do Nascimento (1978-) é autor de *A morte e a justiça* (2007), *O massacre de Canudos* (2009), *A mãe abandonada* (2011), dentre outros títulos.

SOB O SIGNO DE JUDAS:
reescritas literárias da traição
Késia Rodrigues de Oliveira

Para falar do seu fim
Pois Judas o tinha traído
Porque estava possuído
Pelo espírito ruim.
Não demorou muito tempo
e tudo se confirmou
Judas chegou bem na frente
De uma tropa que arrumou
Com lanternas e armas fortes
Os guardas dos sacerdotes
Pra perto dele chegou
Jesus sabendo de tudo
Foi logo perguntando
– O que fazem por aqui
A quem estais procurando
Um disse: – o filho de Deus
E Jesus disse: – sou eu
Livramento se entregando.¹²²

No trecho do *Evangelho segundo João*, a seguir, é possível perceber a semelhança do cordel ao texto bíblico:

Tendo dito, Jesus foi com seus discípulos para o outro lado da torrente de Cedron. Havia ali um jardim, onde Jesus entrou com seus discípulos. Ora, Judas, que o traía, conhecia também esse lugar porque, frequentemente, Jesus e seus discípulos aí se reuniam. Judas recebido a escolta e, dos principais sacerdotes e dos fariseus, alguns guardas, chegou a este lugar com lanternas, tochas e armas. Sabendo, pois, Jesus todas as coisas que sobre ele haviam de vir, adiantou-se e perguntou-lhes: A quem buscais? Responderam-lhe: A Jesus, o Nazareno. Então, Jesus lhes disse: Sou eu. Ora, Judas, o traidor, estava também com eles.

O episódio, recriado no cordel, como no poema de Nejar, mantém o sentido do texto bíblico, alterando, no entanto, a forma.

A reescrita do texto bíblico aparece também nos chamados “Testamentos de Judas”,¹²³ narrativas originadas no Sábado de Aleluia, nas quais se conta sobre a existência de um júri que teria por incumbência julgar o discípulo traidor.

¹²² NASCIMENTO, 1999, p. 3.

¹²³ Os “Testamento de Judas” são também conhecidos por “Pasquins de Judas”. Os pasquins típicos eram folhetos improvisados, informativos anônimos, contendo notícias críticas, denúncias, revelações de falcaturas políticas. Em verso ou prosa, eram escritos e distribuídos em total anonimato, temendo-se represália e punição. Cf. SILVA, Vera Lúcia

Segundo Vera Silva, em alguns dos “Testamentos de Judas”, que ainda subsistem na literatura de folhetos no Brasil, “o apóstolo traidor fazia sua distribuição de bens de maneira humorística, revelando até alguns segredos íntimos”.¹²⁴ Judas, nessas narrativas, assume as feições do político corrupto, do tirano, do delator, reafirmando a imagem do discípulo dos evangelhos canônicos. Judas é, nesse sentido, o símbolo e a encarnação do Mal.

Como foi visto, o romance de Aristides Ávila, o conto de João Alphonsus, o poema de Carlos Nejar e o cordel de Varneci do Nascimento efetuam paráfrases dos evangelhos canônicos por meio da reescrita do episódio bíblico da traição e da referência a Judas, que nelas se assemelha à imagem do discípulo construída nos evangelhos.

No entanto, é preciso lembrar que se “toda modificação é sacrílega”, como queria Jorge Luis Borges,¹²⁵ as reescritas até aqui listadas, ainda que sob o viés da repetição, engendrariam alguma ruptura, uma traição aos evangelhos. A presença e o significado da traição podem ser vistos, nessas narrativas, como uma manipulação do texto canônico.

No próximo capítulo, dedicado ao estudo da paródia, serão elencadas outros textos literários nos quais é possível perceber explicitamente alguns desvios em relação aos relatos dos evangelhos.

de Luna e. Primórdios da literatura de cordel no Brasil – um folheto de 1865. *Graphos*. João Pessoa, v. 12, n. 2, dez. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/10909/6114>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

¹²⁴ SILVA, 2010, p. 76.

¹²⁵ BORGES, Jorge Luis. As versões homéricas. Trad. Claudio Fornari. In: _____. *Discussão*. São Paulo: Difel, 1986. p. 72.

CAPÍTULO 2

PARÓDIAS DA TRAIÇÃO



O beijo de Judas e Pedro cortando a orelha de Malco, de José Joaquim da Rocha (1786).

O desvio em relação aos relatos dos evangelistas, apesar de estabelecer certa repetição da narrativa bíblica, afasta-se do campo da pura homenagem na qualidade de paráfrase, como apontado no capítulo anterior, e se aproxima do conceito de paródia. Definida etimologicamente como “canto paralelo”, a paródia, segundo Ingedore Koch,

repete formas/conteúdos de um texto para lhe emprestar um novo sentido, podendo alterar-lhe, inclusive, o gênero a que pertence (ou seja, podendo modificar sua architextualidade), o que redundará em outras transformações, como a mudança do propósito comunicativo, do tom e de alguns aspectos estilísticos [...] para se transformar radicalmente o sentido [...] para obter diferentes formas e propósitos em relação ao texto-fonte.¹²⁶

¹²⁶ KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 136-137.

Como recurso intertextual, essa estratégia de reescrita consiste, para Koch, na transformação do sentido do texto citado em uma descontinuidade semântica, sendo “inauguradora de um novo paradigma”.¹²⁷

Linda Hutcheon¹²⁸ define esse conceito por meio da ideia de repetição com distanciamento crítico do modelo tido como original. Para ela,

a paródia é, pois, repetição, mas repetição que inclui diferença; é imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo tempo. Versões irônicas de “transcontextualização” e inversão são os seus principais operadores formais, e o âmbito de ethos pragmático vai do ridículo desdenhoso à homenagem reverencial.¹²⁹

A paródia, no sentido proposto por Hutcheon, como imitação com distância crítica, expande a ideia de subversão da reescrita. Como textos que se propõem a um diálogo intertextual, as paródias selecionadas nesta dissertação explicitam diferenças em relação aos relatos bíblicos e evidenciam também a multiplicidade de interpretações possíveis.

Para Hutcheon, no passado,

a prática clássica de citar as grandes obras do passado visava tomar de empréstimos parte do seu prestígio e autoridade, mas, para que isto acontecesse, partia igualmente do princípio de que o leitor reconheceria os modelos literários interiorizados e colocaria no complementar circuito da comunicação – de uma memória erudita.¹³⁰

A construção do sentido está, assim, na relação entre o leitor e sua memória literária, pois “o prazer da paródia não provém do humor em particular, mas do grau de empenhamento do leitor no ‘vaivém’ intertextual”,¹³¹ isto é, essa estratégia de construção textual só é efetiva porque o leitor é capaz de identificar uma inversão, ou inversões, no diálogo intertextual presente nos textos.

¹²⁷ SANT’ANNA, 1991, p. 27.

¹²⁸ HUTCHEON, 1989.

¹²⁹ HUTCHEON, 1989, p. 54.

¹³⁰ HUTCHEON, 1989, p. 118.

¹³¹ HUTCHEON, 1989, p. 118.

Entre os vários textos que parodiam a história de Judas, serão vistos, neste capítulo, a peça “O Judas em Sábado de Aleluia,” de Martins Pena, a crônica “Malhação do Judas Carioca”, de João Antônio, os romances *Evangelho segundo Judas*, de Geraldo Silveira e *Judas e a irmã de Jesus*, de José Fernandes, e a crônica “Judas”, de Graciliano Ramos junto ao poema “Judas Iscariotes”, de Murilo Mendes.

2.1 Malhações em “O Judas e o Sábado de Aleluia”, de Martins Pena¹³²

“O Judas e o Sábado de Aleluia”, de Martins Pena, é uma comédia de um ato em doze cenas, publicada no final do século XIX, que narra, no período da corte imperial, as confusões amorosas de Maricota, filha do cabo de esquadra da Guarda Nacional, José Pimenta.

A narrativa se passa na sala da casa de Pimenta em um Sábado de Aleluia.¹³³ Enquanto Faustino, um dos pretendentes de Maricota – que namorava a tantos quantos pudesse –, estava na casa da filha de José Pimenta, aparece em cena o capitão Ambrósio – também um dos pretendentes. Para não ser encontrado pelo capitão, que já o procurava há algum tempo por motivo de ciúmes, Faustino disfarça-se de Judas, usando a roupa do boneco preparado pelos meninos da casa para a Malhação do Sábado de Aleluia.

Escondido e disfarçado, Faustino ouve, no entrar e sair de cena de outros personagens, segredos perigosamente comprometedores: o plano confabulado pelo capitão da Guarda Nacional e por Maricota de roubarem o pai da moça e fugirem; os meios de extorsão usados pela Guarda Nacional, dos quais falavam o capitão e José Pimenta; e, por fim, a trama arquitetada por Pimenta e Antônio Domingos de repassarem no comércio local notas falsas.

¹³² Considerado o consolidador do teatro no Brasil, Luís Carlos Martins Pena (1815-1848) é autor de *O juiz de paz da roça* (1842), *O cigano* (1845), *As casadas solteiras* (1845), dentre outros títulos.

¹³³ O Sábado de Aleluia é um dia de comemoração no calendário de feriados religiosos do cristianismo, antes da Páscoa, último sábado da Semana Santa. Ele pode cair entre 21 de março e 24 de abril, e nesse dia é celebrada a Vigília pascal depois do anoitecer, dando início à Páscoa. Sábado de Aleluia é o sábado anterior ao domingo de Páscoa, quando se acende o Círio Pascal, uma grande vela que simboliza a luz de Cristo, que ilumina o mundo. Cf. <<http://ucho.info/semana-santa-o-significado-do-sabado-de-aleluia-e-da-malhacao-de-judas>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

Faustino/Judas, escondido, ouvirá sobre o falso plano da namoradeira Maricota de roubar a seu pai e fugir com o capitão da Guarda Nacional. Descoberto, o plano do personagem pode ser visto como uma dupla traição. Ela, se cumprir o combinado com o capitão, trai o pai. Se não cumprir, trai o pretende que, desde o princípio, é alvo da tentativa de ludibriar da moça enquanto esperava por um pretendente mais rico.

Vale ressaltar que o nome do personagem, Faustino, que remete a Fausto, personagem pactário na célebre obra de Goethe, e que com ele estabelece uma relação intertextual, prefigura uma malignidade que não é confirmada na peça. O personagem acaba por ser identificado a um bom moço e não a um traidor, como sugere o travestimento em Judas e a referência a *Fausto*.¹³⁴ Nesse sentido, o texto se utiliza da metáfora de Judas não como o discípulo traidor, mas nos festejos da Malhação, no que neles há de teatro, representação e farsa. Nesse sentido, a peça de Martins Pena realiza uma paródia do texto bíblico, transformando-lhe e invertendo-lhe o sentido, inclusive, ao atribuir a condição de traidor à namorada Maricota. Nesse sentido, o atributo de traidor é conferido à mulher.

2.2 Folgedos em “Malhação do Judas carioca”, de João Antônio¹³⁵

Na crônica “Malhação do Judas Carioca”, João Antônio demonstra como, “apesar do progresso, nos subúrbios cariocas, a malhação do Judas continua viva, firme,¹³⁶ sendo o alvo dessa prática “amores, futricos, fofocas e mazelas dos vizinhos e das vizinhas”.¹³⁷ O corpo de um boneco, que é apedrejado, enforcado e queimado, simboliza, de acordo com o cronista, o apóstolo traidor e, além disso, representa

mazelas de maridos traídos, prostituição levada ou flagrada dentro dos lares, desmandos do jogo do bicho, falsas virgens virtuosas e homossexuais confessos ou incubados [que] vêm a

¹³⁴ GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*. Trad. Gustavo de Barroso. Rio de Janeiro: Garnier, 1920.

¹³⁵ Jornalista e escritor, João Antônio (1937-1996) é autor de *Malagueta, perus e bacanaço* (1963); *Leão-de-chácara* (1975), *Casa de loucos* (1976), *Meninão do caixote* (1984) dentre outros títulos.

¹³⁶ ANTÔNIO, 1975, p. 113.

¹³⁷ ANTÔNIO, 1975, p. 113.

SOB O SIGNO DE JUDAS:
reescritas literárias da traição
Késia Rodrigues de Oliveira

público nos cartazes, enquanto a molecada miúda, numerosa, peitos nus debaixo de sol ou chuva e paus na mão, aguarda o momento da malhação e do atear fogo.¹³⁸

Dessa forma, o boneco encarna todos os representantes do mal, de acordo com a boa consciência religiosa da comunidade católica, que deveriam ser expurgados da comunidade: “Judas pendurados e enforcados botam as mágoas do povo pra fora”.¹³⁹ João Antônio, assim, especula porque ainda se malha o Judas no subúrbio:

A rapaziada trata de remexer, com espírito e humor, muita vez expresso em palavrões e licenciosidade, a vida e o amargo da vida suburbana. Por uma coincidência fotogênica, o Rio esquecido, pobre, ignorante salta para os corpos dos Judas.¹⁴⁰

Além da queimação, o escritor se refere também à tradição dos “Testamentos de Judas”, presentes no subúrbio carioca. Nesses textos, o escritor cita a história de homossexuais “incubados e de coragem para a confusão”, e narra sobre um judas-mulher, no qual se expõem “palavrões infames e xingos”.¹⁴¹ A queimação de Judas, nessa crônica, é catarse para o povo, para além do sentido de auto de fé, na qual a figura de Judas, como destaca Ático Vilas-Boas da Mota, pode ser interpretada como a do(s) judeu(s) que se queimava(m) nas fogueiras da Inquisição.¹⁴²

Na crônica de João Antônio, o episódio da traição, tal qual nos relatos bíblicos, perde sua significação teológica plena e adquire uma conotação mais lúdica uma vez que as mazelas do povo, os moradores do subúrbio, são expostas na forma de folgado.

¹³⁸ ANTONIO, 1975, p. 113-114.

¹³⁹ ANTÔNIO, 1975, p. 115.

¹⁴⁰ ANTÔNIO, 1975, p. 115.

¹⁴¹ RAMOS, 2012, p. 91.

¹⁴² MOTA, 1981, p. 113.

2.3 O alternativo *Evangelho segundo Judas*, de Geraldo Silveira¹⁴³

Narrado em primeira pessoa, no prólogo e epílogo, e em terceira pessoa, no restante do romance, *Evangelho segundo Judas*, de Geraldo Silveira, apresenta as ações do personagem traidor, oferecendo um viés da traição ausente nos evangelhos canônicos. Destaca-se, em primeiro lugar, a paródia, desde o título da obra, que se apresentaria como um evangelho paralelo aos canônicos.

O título *Evangelho segundo Judas* pode ser visto como um elemento cômico se se pensar o significado teológico do termo “evangelho” – “boa-nova” no contexto religioso – já que o romance, ironicamente, narra a vida do famigerado personagem bíblico. Trata-se de uma narrativa sobre a vida de Judas e não sobre a de Jesus.

O início da narrativa relata, assim, o nascimento de Judas:

Nasceu em Keriot e era filho de Simão descendente dos Macabeus, pois seu antepassado mais distante se chamava Gad, marido de Odah, neto de Matatias. Exercia a profissão de Oleiro e ao mesmo tempo frequentava a escola do rabino Nicodemos. Era solteiro e nunca quis formar família tampouco ter casa própria, vivendo com a ideia fixa numa só coisa: a libertação de Israel.¹⁴⁴

Note-se, pelo trecho, que a o narrador-onisciente apresenta o personagem diferentemente da biografia bíblica de Judas, na qual se relata sua filiação e possivelmente o seu lugar de nascimento. Se nos evangelhos Judas é apresentado sempre associado ao Mal, no romance, o discípulo é um entusiasta da libertação de Israel, fato este que o faz se juntar a Jesus. Na narrativa bíblica, como se sabe, é Jesus quem escolhe os doze discípulos.

Em um primeiro momento, no romance, Judas demonstra grande entusiasmo em estar no grupo; entretanto, ao longo da trama, ele se interroga e busca compreender a quem segue: “Não sei quem está diante de mim, nem a quem sigo os

¹⁴³ Escritor e jornalista, Geraldo Tito Silveira (1917-2005) é autor de *Pôncio Pilatos* (1951), *As Memórias de Cláudia Prócula* (1970), *O Padre Velho* (1971), *Conversa de Meganha* (1979) dentre outros títulos.

¹⁴⁴ SILVEIRA, 1982, p. 1.

passos, pois Jesus é muito mais do que um simples rabino, embora eu não entenda como nem onde retira suas forças. Quem é ele, afinal?”.¹⁴⁵

O Messias esperado por Judas não se identifica com o Jesus com quem o personagem convive. Sempre atento à conduta do Mestre, ele não acredita que Jesus possa livrar o povo judeu do jugo de Roma: “De repente meu entusiasmo cessou com o homem que cavalgava aquele jumento, o centro de toda aquela esperança, pois Ele não se comportava como o Messias”.¹⁴⁶ Ao conversar com um desconhecido que lhe faz uma série de indagações, este lhe propõe a entrega de Jesus a Caifás. Por suas convicções políticas e seu ódio contra os romanos, o personagem reflete que “para um final tão magnífico, até que valeria a pena assumir, por um dia, o papel de traidor”.¹⁴⁷ Inventaria que a traição seria por motivos financeiros: trinta moedas de prata, mas entregaria Jesus certo de que o povo o levaria ao templo a fim de coroá-lo como rei dos Judeus. Entretanto, a multidão, “ao contrário do que esperava Judas, pediu, em altos brados, a crucificação de Jesus e a liberdade de Barrabás”.¹⁴⁸ Frustrado com o desfecho inesperado de seu ato, Judas se enforca no galho de uma figueira.

A narrativa do romance se apresenta em uma forma versicular enumerada em capítulos, imitando, assim, o estilo dos evangelhos canônicos. O subtítulo do romance, “excertos bíblicos”, parece tentar conferir um aspecto de verossimilhança ao texto, estabelecendo, na forma, uma dicção bíblica.

Ao reescrever a história da traição, Silveira, neste romance, inverte o motivo da traição, que se apresenta sob o ponto de vista do traidor. A paródia no romance se realiza também na referência, ainda que indireta, ao evangelho apócrifo de Judas, além dos relatos dos evangelistas canônicos.

Segundo a terminologia estudada por Jacir Freitas Faria,¹⁴⁹ os apócrifos podem ser classificados em aberrantes, os que exageram os fatos, discordando totalmente da narrativa bíblica; complementares, aqueles que fornecem alguns detalhes não

¹⁴⁵ SILVEIRA, 1982, p. 25.

¹⁴⁶ SILVEIRA, 1982, p. 65.

¹⁴⁷ SILVEIRA, 1982, p. 156.

¹⁴⁸ SILVEIRA, 1982, p. 158.

¹⁴⁹ FARIA, 2009.

encontrados na Bíblia; e alternativos, os que apresentam uma forma de cristianismo diferente daquele que se tornou hegemônico. O *Evangelho segundo Judas* seria, assim, conforme define Faria, “fruto de um cristianismo alternativo, com aspectos aberrantes”.¹⁵⁰ Já os fragmentos complementam a visão que temos de Judas e que foi largamente difundida pelo cristianismo hegemônico. São, portanto, textos complementares, alguns deles, aberrantes.

Nos fragmentos, datados entre os séculos 5 e 7, Judas é retratado como o traidor, “o judeu, assim como o seu povo, que negou Jesus”.¹⁵¹ Nesse sentido, Judas torna-se também uma metáfora, um estigma de traição, estendido erroneamente a todos os judeus. Já em seu evangelho, um manuscrito egípcio descoberto nos anos 1970, atribuído a autores gnósticos e escrito, aproximadamente, entre os séculos 3 e 4, o vilão do Segundo Testamento é tido como o discípulo mais sábio e mais amado.

Traduzido e publicado pela National Geophaphic Society,¹⁵² o *Evangelho segundo Judas* revela o discípulo como o libertador de Cristo. O apóstolo, nesse texto, aparece como participante de um plano divino e o único a compreender de fato a missão de Jesus. Segundo Delzi Laranjeira, “Judas é apresentado como uma figura positiva não porque não traiu Jesus, mas justamente por causa disso”.¹⁵³

A descoberta desse evangelho, conforme aponta Faria, “torna-se importante para o Cristianismo, na medida em que ela nos permite rediscutir o papel de Judas na história”¹⁵⁴ e torna-se, igualmente, importante para a literatura, que o reencena em várias recriações. Semelhantemente ao texto apócrifo, o Judas literário de Silveira não é retratado como o discípulo maligno, traidor de Cristo, mas como o seguidor mais esclarecido sobre a missão de Jesus.

¹⁵⁰ FARIA, 2009, p. 45.

¹⁵¹ FARIA, 2009, p. 45.

¹⁵² KASSER, Rodolphe; MEYER, Marvin; WURST, Gregor. *The Gospel of Judas*. Estados Unidos: National Geographic, 2006.

¹⁵³ LARANJEIRA, 2009, p. 10.

¹⁵⁴ FARIA, 2009, p. 245.

2.4 Desdobramentos em *Judas e a irmã de Jesus*, de José Fernandes¹⁵⁵

Outro desdobramento ficcional da história da traição aparece em *Judas e a irmã de Jesus*, de José Fernandes. É importante destacar que o título, como em *Evangelho segundo Judas*, de Geraldo Silveira, também desloca a figura central dos evangelhos canônicos, Jesus, para outros personagens. No primeiro caso, ao dar voz a Judas, no segundo caso, a personagens femininas, ausentes do episódio da traição nos relatos dos evangelistas bíblicos.

O narrador, Judas, é quem descreve os fatos envolvendo Jesus, Miriam, Pôncio Pilatos, Claudia, Maria Madalena, Barrabás, João Batista e outros personagens. Barrabás, que aparece nos evangelhos quando Pilatos tem de decidir se quem será crucificado será ele ou Jesus, é apresentado como uma pessoa maléfica – traço comumente atribuído a Judas.

Segundo o narrador,

A parte esquerda do corpo, como que puxada para frente e para cima, de forma que os olhos apontavam para as têmporas e a boca para as orelhas. O nariz, o queixo, tudo se erguia de uma extremidade para a outra. A deformação no rosto fora causada por um golpe de punho de ferro, dado por um gladiador com quem lutara. Dentes, nem um só. Barba e cabelos grisalhos, nariz vermelho, cheio de veias azuis, crivado de poros pretos e cabeludos. Pernas fortes e um pouco tortas, tanto que mancava.¹⁵⁶

Barrabás, como o trecho ressalta, é apresentado como vil e mesquinho. A seguir, o leitor se dará conta de que é Barrabás que apresentará Jesus a Judas. É ele, também, que narra, para o futuro discípulo, as primeiras realizações do rabino, como sua posição diante de “uma moça do subúrbio de Bezeta, em ato flagrante de adultério com um soldado romano”¹⁵⁷ que seria condenada ao apedrejamento. Revelando, desse modo, o clima de conspiração entre os personagens.

O romance *Judas e a irmã de Jesus* narra o plano de Judas e seus amigos de tirar a vida de Pilatos; o interesse amoroso de Judas por Claudia, esposa do

¹⁵⁵ Escritor e jornalista, José Fonseca Fernandes (1925-) é autor de *Europa de sempre*: notas de viagem (1963), *Nu sem amuleto*: estórias paulistanas (1968), *Um por semana*: estórias paulistanas (1972), dentre outros títulos.

¹⁵⁶ FERNANDES, 2010, p. 9.

¹⁵⁷ FERNANDES, 2010, p. 10.

procurador da Judeia, bem como o relacionamento do discípulo com Maria Madalena e com outras mulheres.

Ao contrário dos evangelhos canônicos, Judas, no romance, é descrito como um homem revolucionário, como o personagem se define:

Quem era eu? A história de minha família confundia-se com a de meu país. [...] Minha família, saduceia e guerreira, tinha nas veias uma gota de sangue dos Asamoneus. Meu pai infudira-lhe, depois, uma gota do sangue estrangeiro. [...] meu temperamento não era desses que se dobravam com o medo. Eu criava o perigo para ter alegria de emoção. Trabalhava há dois anos no intento de incendiar a Judeia, para dar cabo ao meu inimigo. [...] De modo que todos sabiam que eu incitava e animava toda forma de ódio contra os romanos.¹⁵⁸

A vontade de destruir o Império Romano faz com que o discípulo seja preso e levado ao palácio de Herodes. Ajudado por Claudia, a fim de libertar a Judeia da opressão romana, Judas almeja estabelecer “uma república aristocrática, sob a oligarquia dos saduceus, aniquilando o poder perigoso e mutável do Templo e a interferência da plebe”,¹⁵⁹ para isso precisava encontrar um Messias conveniente, vislumbrado em Jesus:

Fiquei admirado com sua constância, seu sangue frio, sua pertinência e presença de espírito. Dele fiquei sabendo de suas peregrinações, relatadas naquela tarde por Maria, e percebi o difícil acolhimento em Nazaré, os insultos aos nobres, aos ricos, aos pobres, aos membros do grão-sacerdócio. Nada o inquietava. O poder de sua vontade para não se encolerizar, a elasticidade de seu espírito. Eu disse comigo: “Aqui está o meu homem”¹⁶⁰

Se, nos evangelhos, é Jesus quem escolhe os seus discípulos, no romance, Judas é quem o escolhe, como revela o diálogo entre os dois personagens:

- Mas quem és tu que assim te interessas por mim?
- Teu discípulo, desde esta manhã.

¹⁵⁸ FERNANDES, 2010, p. 57.

¹⁵⁹ FERNANDES, 2010, p. 101.

¹⁶⁰ FERNANDES, 2010, p. 155.

SOB O SIGNO DE JUDAS:
reescritas literárias da traição
Késia Rodrigues de Oliveira

- Meu discípulo! Sabes o que é preciso para ser meu discípulo?
A regra é severa.
- Dize-me, pois, quais são as provas que exiges.
- Deixarás teu pai.
- É morto.
- Deixarás tua mãe.
- Ai de mim! A pobre mulher vê-me tão raras vezes e mostra-me tanta frieza na sua estima.
- Deixarás tua mulher.
- Não tenho.
- Deixarás teus irmãos e tuas irmãs.
- Não tenho irmãos. Minhas irmãs cuidam mais dos filhos e dos maridos do que de mim.
- Venderás tudo quanto possuis, para dares aos pobres.
- Não tenho necessidade de vender coisa alguma e faço ainda melhor do que dar aos pobres. Deposito no cofre comum e, então, sempre encontrarão nele alguma coisa, embora nada depositem.¹⁶¹

Jesus renuncia, assim, ao papel de messias político desejado por Judas, tal qual nas Escrituras:

Se Jesus, por um momento, deixasse se seduzir com a perspectiva do futuro esplêndido que eu lhe pressagiara, certamente, de dia em dia, se esqueceria das suas vãs esperanças. Foi nas margens do Jordão, que ele compreendeu as terríveis dificuldades da missão que lhe propus, e a repugnância que lhe causava a ideia de um messias político.¹⁶²

A narrativa se desenvolve com a condenação de Jesus seguida da confissão de uma trapaça: “Prevendo qual seria o desfecho do processo do rabino, mandei preparar um vinho fortemente narcotizado, do qual bastava ele beber algumas gotas, para cair na imobilidade cadavérica do coma”.¹⁶³ O romance finda com a morte de Jesus, não crucificado, mas em Roma, anos depois, após ter fugido para lá com Judas, contrapondo, assim, tanto as versões canônicas quanto as apócrifas sobre a traição.

¹⁶¹ FERNANDES, 2010, p. 156.

¹⁶² FERNANDES, 2010, p. 191.

¹⁶³ FERNANDES, 2010, p. 335.

O romance, assim, não ratifica a versão bíblica da traição e da crucificação, mas sugere um desvio para o personagem e um desvio para a narrativa. Sendo assim, a paródia se dá na criação de uma narrativa que vai de encontro aos relatos bíblicos.

2.5 “Judas”, de Graciliano Ramos e “Judas Iscariotes”, de Murilo Mendes

Na crônica “Judas”, Graciliano Ramos apresenta a Malhação de Judas como uma “vingança tardia”:

É uma vingança tardia e inócua que a ralé toma periodicamente contra um cidadão que há tempos se chamou lehouda de Kerioth, vulgarmente conhecido por Judas Iscariotes, homem de maus bofes, segundo a tradição, apóstolo diletante, provavelmente traidor. Provavelmente, digo eu, mas não exijo que ninguém dê crédito ao que fica aqui, pois seria difícil apurar o grau de verdade que existe nessa trapalhada de coisas antigas.¹⁶⁴

Ao colocar em dúvida a tradição e o julgamento de Judas, o escritor relativiza a condição de traidor do discípulo: “Longe de mim a ideia de defender o Iscariotes. Todos nós estamos convencidos de que ele foi um tratante. Deixemo-lo tal qual está, até que os esmerilhadores das pedras do Oriente nos venham demonstrar que ele era um ótimo rapaz.”¹⁶⁵ Segundo Milene Almeida, além de colocar sob suspeita a tradição e o julgamento de Judas, o cronista atualiza a questão:

o que se vê é um narrador que se utiliza do passado para tratar de questões do presente. Seguindo a opinião corrente da patifaria de Judas, o cronista opõe a situação original, quando o apóstolo era exceção entre os fiéis, aos dias de hoje, quando a proporção entre os espíritos fiéis e os safados seria pelo menos de cinquenta por cento para cada lado.¹⁶⁶

¹⁶⁴ RAMOS, 2012, p. 91.

¹⁶⁵ RAMOS, 2012, p. 91.

¹⁶⁶ ALMEIDA, Milene. Despretensioso traçado literário – ideológico. *Organon*, Porto Alegre, v. 28, n. 55, p. 235-240, jul./dez. 2013.

Para o cronista, se Judas foi, em suas palavras, um “patife”,

não há nada de extraordinário em semelhante julgamento. Mais difícil é admitir a santidade de uma criatura. Os santos são raros, e o mundo está cheio de malvados. Eu ficaria pasmo se entre os discípulos de Jesus não houvesse aparecido nenhum birbante. Até me espanta que só tivesse aberto exceção à monótona bondade que naquelas almas cândidas se encerrava. O que era razoável era surgirem pelo menos quatro ou cinco traidores entre os companheiros do Mestre. Só houve um, o que é lisonjeiro para a humanidade daqueles tempos remotos.¹⁶⁷

A relativização da condição do traidor estendida, de certo modo, a todos os discípulos de Jesus, é também questionada no poema “Judas Iscariotes”, de Murilo Mendes.

Nesse texto, a condição de todos os discípulos é nivelada:

Chamados para deuses, habitando o núcleo dum Deus.
Para a participação à economia do mistério
Oculto desde os séculos,
Apenas entrevisto por Abraão e sua descendência;
Chamados para transfigurarem suas vidas estreitas,
Estes pecadores, coletores de impostos, marginais,
Hesitam, escondem o rosto, desfalecem:
E não somente Judas Iscariotes.¹⁶⁸

Os versos retiram de Judas a especificidade de ser ele o único discípulo sujeito à crítica atribuída pelos evangelistas, colocando em outras perspectivas a interpretação dos evangelhos. Pedro, por exemplo, argumenta Salma Ferraz,¹⁶⁹ negou a Cristo três vezes, jamais teve sua virtude colocada em dúvida e não entrou para a história como traidor?¹⁷⁰

O poema de Mendes desdobra essa questão, aproximando-se do argumento de André Chevitaese, que afirma: “a atitude do apóstolo traidor não foi muito pior que

¹⁶⁷ RAMOS, 2012, p. 92.

¹⁶⁸ MENDES, 1994, p. 805.

¹⁶⁹ FERRAZ, 2006.

¹⁷⁰ FERRAZ, 2006.

SOB O SIGNO DE JUDAS:
reescritas literárias da traição
Késia Rodrigues de Oliveira

a de Pedro, que o negou três vezes, ou que a dos demais apóstolos, que o abandonaram. Judas foi um mal necessário, um inocente útil.”¹⁷¹

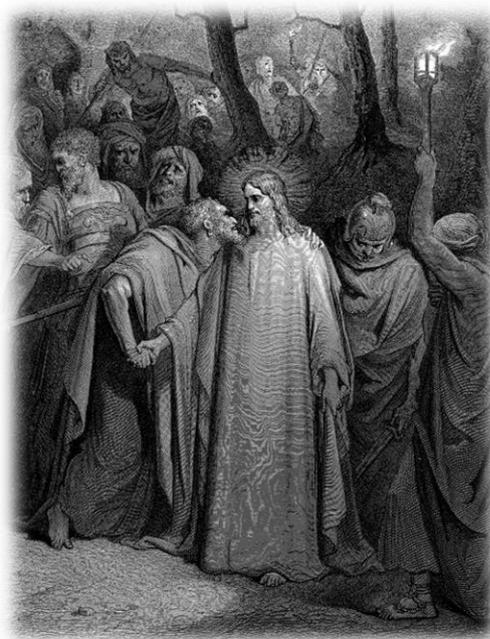
Por intermédio da paródia, os escritores se debruçam sobre os evangelhos canônicos e relativizam a condição de traidor, ora desmitificando o caráter maligno de Judas atribuído em alguns evangelhos, ora apontando para alguma forma de redenção do personagem, como visto nos textos de Graciliano Ramos, João Antônio, José Fernandes, José Simões e Martins Pena.

Tais reescritas impõem outros sentidos às narrativas dos evangelhos, redimensionando metáforas e imagens. A história de Judas, desse anti-herói bíblico, assim como Lúcifer, Caim, Herodes e outros amaldiçoados das Escrituras, permanece vivendo na literatura por entre as lacunas do discurso religioso, passível de releituras e desvios.

¹⁷¹ CHEVITARESE citado por FERRAZ, 2006.

CAPÍTULO 3

JUDAS E A TRAIÇÃO



O beijo de Judas, de Gustave Doré (1866).

O que resta a eles, de novo, senão a pilhagem e o pastiche ao infinito de estilos os mais variados – eruditos ou populares – para que o silêncio seja vencido, para que histórias possam ainda ser contadas?

Wander Miranda

A presença de Judas na ficção, como visto nos capítulos anteriores, demonstra que há uma tradição de escritores na literatura que se vale da reescrita, seja por uma estratégia de paráfrase, seja por paródia, e existe uma potencialidade narrativa no tema do traidor. A traição, seja de uma perspectiva particular, como as relações amorosas, familiares ou fraternais, seja de uma perspectiva pública, como relações de cunho político, assume diversas formas na literatura. Nesses textos, Judas se constitui como um traidor por excelência.

Judas, em *A divina comédia*,¹⁷² por exemplo, é o que mais sofre no nono e último círculo do Inferno, destinado aos traidores de seus chefes e benfeitores junto a Brutus e Cássio: “Esse, que sofre aí pena dobrada, é Judas Iscariotes’, disse o guia, ‘co’ as pernas fora e a cabeça abocada”.¹⁷³ Os círculos na obra de Alighieri são concêntricos, representando um aumento gradual da perversidade; o último, localizado no centro do Inferno, a Judeca, é reservado para aqueles que cometeram o crime mais grave: a traição, o mal planejado e executado contra uma pessoa indefesa que assim se encontra por se sentir segura diante do agressor a quem confia. Denominar esse círculo de “Judeca” indica, no mundo de Dante, o espaço infernal destinado aos judeus.

Além dos textos até aqui citados, há ainda um considerável número de obras que se dedica à traição de Judas, como o romance inglês *King Jesus*,¹⁷⁴ de Robert Graves; a coletânea de contos russos *Judas Iscariotes*,¹⁷⁵ de Leonid Andreiev; o romance canadense *Testament*,¹⁷⁶ de Nino Ricci; o conto espanhol “Judas”,¹⁷⁷ de Miguel Sawa; o romance norte-americano *A nova traição de Judas*,¹⁷⁸ de James Rollins; o romance francês *Judas, o bem-amado*,¹⁷⁹ de Gerald Messadié, só para citar alguns.

Em *King Jesus*, Graves constrói uma narrativa que diverge da tradição canônica. Segundo Laranjeira,

Judas é mencionado pela primeira vez no romance quando Jesus retorna do deserto, de onde, segundo o relato bíblico, foi tentado pelo demônio. Judas cuida de Jesus, que estava bastante alquebrado pela experiência, e torna-se seu discípulo.

¹⁷² ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia – Inferno*. Trad. Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2014.

¹⁷³ ALIGHIERI, 2014, p. 227.

¹⁷⁴ GRAVES, 1981.

¹⁷⁵ ANDREIEV, 1984.

¹⁷⁶ RICCI, 2003.

¹⁷⁷ SAWA, 2007, p. 61-64.

¹⁷⁸ ROLLINS, 2008.

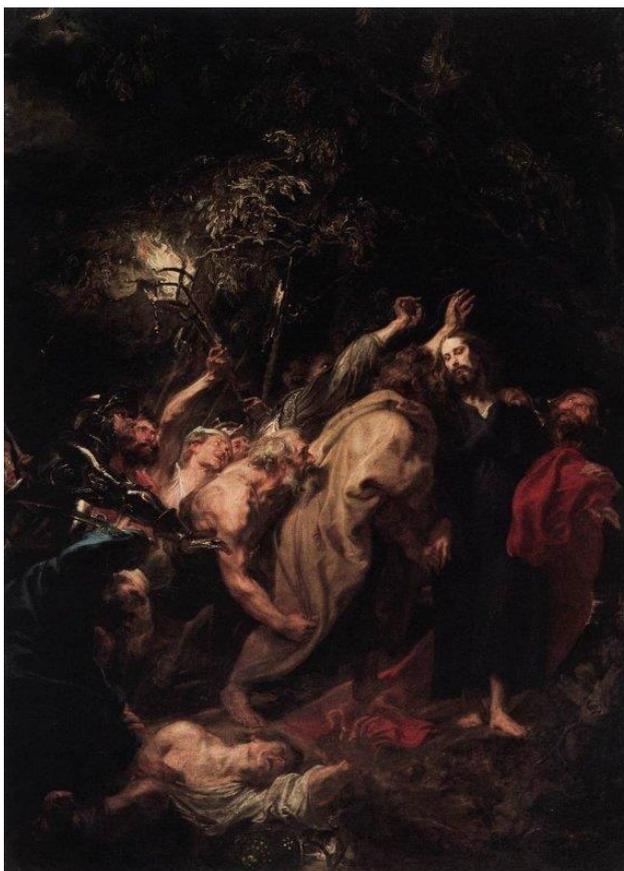
¹⁷⁹ MESSADIÉ, 2010.

SOB O SIGNO DE JUDAS:
reescritas literárias da traição
Késia Rodrigues de Oliveira

Judas é retrato como uma pessoa articulada e de fácil trânsito entre as diferentes culturas que se misturavam na Palestina.¹⁸⁰

A traição aparece, como visto, como um plano elaborado por Nicodemos, convencido de que a delação evitaria que Jesus fosse sacrificado. Apesar ter o mesmo desfecho bíblico, o romance deixa o leitor inferir, segundo Laranjeira, que “a demonização de Judas e seu epíteto de traidor foram frutos de uma interpretação distorcida dos fatos, ocasionada pela falta de informação dos motivos”¹⁸¹ que levaram Judas a agir como tal.

Já no conto “Judas”, de Sawa, não há uma redenção das atitudes do discípulo. O narrador onisciente, em um museu contemplando o quadro *O beijo de Judas*, do pintor flamenco Antoon Van Dyck, encontra-se com uma espécie de encarnação do apóstolo traidor:



A captura de Cristo ou O beijo de Judas, de Antoon Van Dyck (1599-1641).

¹⁸⁰ LARANJEIRA, 2009, p. 8-13.

¹⁸¹ LARANJEIRA, 2009, p. 11.

- Não é verdade, cavalheiro, que tenho uma certa (sic) semelhança física com o discípulo traidor do Filho de Deus?
- Voltei-me assustado.
- Quem me falava era um homem alto, todo vestido de preto, cabelo e barba da cor do açafião, olhos salientes, pele flácida, amarelada pela icterícia...
- E veja o senhor o que são as coincidências... – acrescentou o desconhecido. – Também me chamo Judas, como o que vendeu Cristo.¹⁸²

Após esse diálogo, o narrador acompanha o estranho que, num jogo de espelhos, efetua uma comparação: “O senhor tem cara de bom e de inteligente. Assim como me pareço com o discípulo traidor, o senhor se parece com o Mestre sublime.”¹⁸³ A narrativa segue o texto bíblico, *pari passu*, como a maldição das moedas obtidas pela delação:

Dom Judas apertou-me comovido as mãos, tentou abraçar-me e me pediu, com frases da maior cortesia, que pagasse a cerveja que havíamos bebido “porque – acrescentou com tristeza – seu dinheiro era maldito e não o admitiam em parte alguma”.¹⁸⁴

A associação de Judas ao Mal, relatada por alguns evangelistas, também é encontrada no conto, como revela o personagem: “ – Eu sou um ser funesto... eu sou o gênio do mal... sou maldito por Deus e pelos homens”.¹⁸⁵ Há, ainda, a referência ao suicídio: “Veja meu pescoço... Ainda conserva a marca da corda com que tentei me enforcar, arrependido de minha traição.”¹⁸⁶ O conto termina com o assassinato de Judas pelo narrador e deixa em suspeita se tudo não passou de uma alucinação: “E, por ter livrado a humanidade daquele homem maldito, por ter matado Judas o traidor, trouxeram-me para cá, para este manicômio...”¹⁸⁷

¹⁸² SAWA, 2007, p. 61.

¹⁸³ SAWA, 2007, p. 61.

¹⁸⁴ SAWA, 2007, p. 62.

¹⁸⁵ SAWA, 2007, p. 62.

¹⁸⁶ SAWA, 2007, p. 63.

¹⁸⁷ SAWA, 2007, p. 64.

3.1 Traições e traidores em Jorge Luis Borges

A relativização da condição de traidor também aparece na obra de Jorge Luis Borges, que apresenta, em dois contos, outras versões da traição bíblica. “Três versões de Judas”¹⁸⁸ aponta para vários pontos de vista sobre o discípulo, e em “A seita dos trinta”,¹⁸⁹ se reafirma um papel redentor do apóstolo. A ambiguidade do personagem, nos textos de Borges, se revela por meio da construção de um elogio a Judas, que passa a ser representado como uma figura positiva justamente por ter traído Jesus. Sua delação se configura, desse modo, como um ato heroico, o cumprimento de uma profecia.

Em “Três versões de Judas”, têm-se uma especulação sobre a reversibilidade dos papéis de traidor e de herói: “Não uma coisa, todas as coisas que a tradição atribui a Judas Iscariotes são falsas”,¹⁹⁰ assim define o personagem Nils Runeberg na referência a Thomas De Quincey de seu livro fictício. Teólogo e filósofo, autor de *Kristus och Judas* e *Den hemlige Frälsaren*, Runeberg, possui três teses sobre Judas que desmistificam o caráter de traidor atribuído ao discípulo pela narrativa bíblica e apontam-no como integrante de um plano de salvação da humanidade.

Em sua primeira tese, por meio da suposta afirmação de De Quincey, o personagem defende que “Judas entregou Jesus Cristo para forçá-lo a declarar sua divindade e a deflagrar uma vasta rebelião contra o jugo de Roma”.¹⁹¹ Se as versões do *Evangelho segundo Mateus* e do *Evangelho segundo Marcos* estabelecem a traição de Judas à possível ganância do discípulo – que teria traído o seu mestre, recebendo por isso a quantia de trinta moedas de prata, o *Evangelho segundo Lucas* e o *Evangelho segundo João* atribuem à traição a uma influência demoníaca. Assim,

¹⁸⁸ BORGES, 1998.

¹⁸⁹ BORGES, Jorge Luis. A seita dos trinta. Trad. Ligia Morrone Averbuck. In: _____. *Obras completas de Jorge Luis Borges*. Vários tradutores. São Paulo: Globo, 2000. p. 42-44. v. 3. *O livro de areia*.

¹⁹⁰ BORGES, 1998, p. 52.

¹⁹¹ BORGES, 1998, p. 574.

a primeira versão de Judas de Runeberg permite ao leitor retomar as referências bíblicas da traição de Judas.

Na segunda tese, presente na versão já revisada de *Kristus och Judas*, os argumentos são trocados e afirma-se que Judas foi o mais sacrificado de todos, ao optar pela delação, renunciou à honra e ao bem: “Judas procurou o Inferno, porque a felicidade do Senhor lhe bastava”, afirma Runeberg.¹⁹² Na última tese do personagem, presente em *Den hemlige Frälsaren*, argumenta-se que Deus se torna humano e escolhe vir como Judas para sua encarnação:

Deus se fez totalmente homem, porém homem até a infâmia, homem até a reprovação e o abismo. Para nos salvar, pôde escolher *qualquer* dos destinos que tramam a perplexa rede da história; pôde ser Alexandre ou Pitágoras ou Rurik ou Jesus; escolheu um ínfimo destino: Judas.¹⁹³

Diante da natureza controversa dos seus textos, Runeberg morre no anonimato, e suas teses se constituem como uma espécie de elogio a Judas, reforçando a potencialidade ficcional do personagem por intermédio do tema da traição na literatura, recriado por Borges em “Tema do traidor e do herói”. Nesse conto, desenvolve-se uma história de contradições, ambiguidades e falsificações em torno da investigação do assassinato de Fergus Kilpatrick, o qual não se define, no conto, se se trata de um herói ou de um traidor.

Como resume Maurício Lyrio:

Ryan quer descobrir o mistério em torno da morte do avô, o herói irlandês Fergus Kilpatrick, que teria sido assassinado por um traidor em um teatro, em 1824, às vésperas da revolução com que tanto sonhou. Em sua pesquisa, Ryan vai revelando uma série de coincidências do crime com a história (o assassinato de Júlio César) e com a literatura (elementos de Macbeth). Descobre ao fim que a morte de Kilpatrick foi de fato tramada, mas não pelos inimigos da revolução, e sim pelos próprios

¹⁹² BORGES, 1998, p. 575.

¹⁹³ BORGES, 1998, p. 576.

SOB O SIGNO DE JUDAS:
reescritas literárias da traição
Késia Rodrigues de Oliveira

revolucionários, já que Kilpatrick, o líder, era na verdade o traidor. Desmascarado e sentindo-se culpado, Kilpatrick aceita “atuar” em seu próprio assassinato, que é planejado com base em Shakespeare (não só “Macbeth”, mas também “Julius Cesar”) e executado com precisão, como se fosse a morte não de um traidor, mas de um herói. A revelação de sua traição seria um golpe à causa e aos demais revolucionários; já sua morte heroica daria impulso à revolução.¹⁹⁴

A aproximação do herói e do traidor e a reversibilidade dos papéis apontada no trecho podem ser vistas na história de Judas à medida que o discípulo é tido ora como um vilão, ora como um herói, criando, no duplo, Jesus/Judas, certa tensão. Os textos borgianos deixam entrever, ainda que metaforicamente, as reescritas literárias de Judas; conformam-se por meio de reelaborações da tradição bíblica que ora mantêm o sentido do texto incorporado, ora o transformam, por meio de paráfrases e paródias.

Em “A seita dos trinta”, a história parte de um texto encontrado:

O manuscrito original pode ser consultado na Biblioteca da Universidade de Leiden; está em latim, mas algum helenista justifica a conjectura de que foi traduzido do grego. Segundo Leisegang, data do século IV da Era Cristã. Gibbion menciona-o, de passagem, numa das notas do capítulo 15 no seu *Decline and Fall*. Reza o autor anônimo.¹⁹⁵

O início do conto já põe em cena uma das estratégias narrativas utilizadas por Borges na composição de sua ficção: a referência a outros textos, a manuscritos e à tradução. O narrador aproxima Judas a Jesus ao expandir o texto bíblico e inverter o sentido da traição, como se pode inferir na justificativa do nome do grupo:

A divina misericórdia, à qual devo tantas mercês, permitiu-me descobrir a autêntica e secreta razão do nome da Seita. Em

¹⁹⁴ LYRIO, Mauricio. Tema do traidor e do herói. Disponível em: <<http://caixadeliteratura.blogspot.com.br/2012/01/tema-do-traidor-e-do-heroi.html>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

¹⁹⁵ BORGES, 2000, p. 42.

Kerioth, onde provavelmente nasceu, perdura um conventículo que se alcunha dos Trinta Dinheiros. Esse nome foi o primitivo e dá-nos a chave. Na tragédia da Cruz – escrevo-o com a devida reverência – houve actores voluntários e involuntários, todos imprescindíveis, todos fatais. Involuntários foram os sacerdotes que entregaram os dinheiros de prata, involuntária foi a plebe que elegeu Barrabás, involuntário foi o procurador da Judeia, involuntários foram os romanos que ergueram a Cruz do Seu martírio e cravaram os cravos e deitaram sortes. Voluntários só houve dois: o Redentor e Judas. Este rejeitou as trinta moedas que eram o preço da salvação das almas e logo se enforcou. Contava então trinta e três anos, como o Filho do Homem. A Seita venera-os por igual e absolve os outros.¹⁹⁶

Os detalhes dessa seita são retratados por intermédio do comentário do narrador acerca da interpretação do relato bíblico por parte dos sectários: “O conselho de vender o que se possui e dá-lo aos pobres é acatado rigorosamente por todos; os primeiros beneficiados o dão a outros e estes a outros. É esta a explicação suficiente da indigência e da nudez que também avizinha do estado paradisíaco”.¹⁹⁷ O texto referenciado parece ser uma citação do *Evangelho de Mateus* no qual Jesus fala a um jovem rico: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me”.¹⁹⁸

Se o sentido bíblico pode ser uma exortação de que os homens não deve se apegar às riquezas, tal passagem é usada pelos membros da seita como justificativa para o costume de andar nus, pois “dizimados pelo ferro e pelo fogo, dormem à beira dos caminhos ou das ruínas que a guerra poupou, já que lhes é proibido construir moradias. Costumam andar nus”.¹⁹⁹ O narrador apresenta, assim, uma seita – que pode ser considerada como um desvio – do cristianismo, levando, ironicamente, suas doutrinas às últimas consequências.

As versões de Judas apresentadas nesta dissertação retomam o posicionamento de Kristeva sobre a constituição da literatura, o de que o texto literário

¹⁹⁶ BORGES, 2000, p. 44.

¹⁹⁷ BORGES, 2000, p. 42.

¹⁹⁸ Mc 19:21.

¹⁹⁹ BORGES, 2000, p. 42.

nasce de um mosaico de textos, de referências a criações anteriores, em uma relação intertextual similar à do processo tradutório. Tal proposição reafirma a criação artística como um processo de apropriação e evidencia o caráter da escrita literária como um trabalho de citação, como já foi apontado.

3.2 Outras traições, traduções

Antoine Compagnon, em *O trabalho da citação*, refere-se a certo “homem da tesoura” para tratar da escrita a ser entendida como um ato de cortar e colar, um exercício de intertextualidade.²⁰⁰ Em seu estudo, o crítico relata as experiências inusitadas de um guarda florestal, que lê com a tesoura nas mãos, cortando tudo o que lhe desagradava nos livros. Desse modo, esse leitor, que retalha os textos, seria a imagem do escritor que recorta e faz, com esses recortes, outro texto.

Essa reescrita, feita de pedaços de textos alheios, pode ser vista, ainda, como estratégia de ruptura, uma traição ao texto que lhe é anterior, sobretudo se se pensar que ela pode ser compreendida como uma espécie de tradução.

Do latim *traditione*, o termo “traição” pode ser entendido como delatar, entregar alguém, quebra de fidelidade prometida e empenhada; aleivosia, intriga, perfídia.²⁰¹ Trair, nesse sentido, coloca em evidência e algumas noções de crime e de pecado. Na cultura cristã, a carga semântica negativa, associada ao demoníaco, migrou para a conformação de Judas, a ponto de o personagem ser comumente visto como sinônimo de traição.²⁰² Para Paulo Mendes Pinto, o verbete “Judas”, em dicionário, deixa vislumbrar “como o símbolo, a imagem, ultrapassou o sentido estrito do

²⁰⁰ COMPAGNON, 2007.

²⁰¹ TRAIÇÃO. In: HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

²⁰² No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, têm-se as seguintes acepções para o verbete Judas: 1) indivíduo que trai a confiança de outrem; traidor.

nome”,²⁰³ uma vez que um nome próprio, que não tinha etimologicamente, como já foi visto, uma relação com o tema da traição e passou a designar não só o seu agente, mas a sua representação em efígie.

Para Marcílio Castro,²⁰⁴ a traição também pode ser definida como

uma ruptura de expectativa, uma solução violenta para um estado de ilusão [...] uma forma de delito; nesse sentido, alcança tanto o âmbito das relações particulares (a amizade, a família, o amor) como o campo público (a pátria, a política, a língua nacional) e assume formas diversas, que vão do engano íntimo à deserção.²⁰⁵

Segundo o pesquisador, a ideia de traição, em uma perspectiva mais abrangente, está relacionada “ainda com os temas da identidade e da memória nacionais, além de remeter aos domínios da literatura policial e investigativa”.²⁰⁶ Tome-se, por exemplo, Silvério dos Reis, acusado de entregar para a Coroa portuguesa Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, e Calabar,²⁰⁷ português que cooperou, no período colonial, com os holandeses e, por isso, foi acusado de ser “o grande traidor”.

Ressalte-se que a traição de Judas, nessa perspectiva, ganha uma representatividade maior, pois ele não só teria traído uma pátria, um partido ou uma ideologia, mas uma divindade, na tradição cristã, o filho único de Deus.

Ainda conforme Castro, a traição se estabelece como um artifício narrativo, um operador de leitura, configurando-se como um signo duplo: como procedimento narrativo e como motivo da trama. Enquanto mote, têm-se, na ficção, as narrativas que se desdobram de Judas ou que nele se ancoram, sendo encenadas com traidores,

²⁰³ PINTO, Paulo Mendes. A concretização do Senhor a propósito da leitura d’O evangelho de Judas. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, v. V, n. 9/10, p. 315-326, 2006.

²⁰⁴ CASTRO, 2013.

²⁰⁵ CASTRO, 2013, p. 1.

²⁰⁶ CASTRO, 2013, p. 1.

²⁰⁷ Cf. BUARQUE, Chico; GUERRA, Ruy. *Calabar: o elogio da traição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

sejam históricos, como Domingos Fernandes Calabar e Joaquim Silvério do Reis, sejam literários, como Medeia, Madame Bovary e Capitu.

Como procedimento narrativo, a traição se apresenta metaforicamente por meio da imagem de Judas, à medida que as reescritas sobre o discípulo, e, por extensão, o processo de escrita como uma forma de citação, de acordo com Compagnon, podem ser compreendidas como uma forma de apropriação. O artifício literário será, portanto, um procedimento de escrita, no qual seu “princípio básico é adulterar ou emendar o original; um delito programado contra as fontes e o autor”.²⁰⁸ Do ponto de vista das relações textuais, a traição é um dos polos de uma tríade que incluiria também a tradução e a tradição e, no jogo entre esses processos, a traição “se projeta sobre os outros dois para transgredi-los”.²⁰⁹

No caso das versões literárias citadas nesta dissertação, a traição se realiza na apropriação de um texto sagrado, a Bíblia, pela literatura, visto que os escritores desdobram, “emendam” o possível original, entendido aqui como o texto bíblico. A tríade proposta por Castro vai ao encontro da proposição “tradição moderna, traição moderna”, título do preâmbulo de *Os cinco paradoxos da modernidade*,²¹⁰ de Compagnon. O crítico desenvolve um paralelo entre a tradição e a traição para discutir o tema da modernidade. O conceito de tradição, como transmissão de um modelo, e moderno, como o que ele rompe, são contrapostos à expressão “tradição moderna”.

O termo “moderno” justaposto ao vocábulo “tradição” evoca, sobretudo, a traição, a traição da tradição. Isto é, ao se colocar em paralelo esses dois termos, se cria um paradoxo, pois se rompe com uma expectativa, ao mesmo tempo que dela se faz referência.

Essa tradição moderna, ao se desenvolver com base nos conceitos combinados de imitação e de inovação, paradoxo também discutido por Compagnon, aproxima-se das

²⁰⁸ CASTRO, 2013, p. 1.

²⁰⁹ CASTRO, 2013, p. 1.

²¹⁰ COMPAGNON, Antoine. Tradição moderna, traição moderna. In: _____. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Trad. Cleonice P. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 9-13.

reescritas de Judas, visto que estas, às vezes, conferem uma nova forma à tradição, ou seja, à versão bíblica do personagem, ainda que algumas versões ficcionais tentem a dar certa continuidade aos evangelhos pelas estratégias da paráfrase.

Ainda como procedimento narrativo, “trair”, para além da literatura considerada moderna, se relacionaria fundamentalmente como o papel do tradutor, expresso pelo provérbio italiano *traduttore, traditore*, que pressupõe que todo tradutor seja um traidor, diante do clássico dilema do intraduzível e traduzível.²¹¹ Para substituir esse dilema, Paul Ricoeur²¹² propõe o duplo fidelidade *versus* traição. Para o filósofo, a noção de fidelidade se relaciona com “a capacidade da linguagem de preservar o segredo contra sua propensão a traí-lo”.²¹³ Nessa mesma esteira, Octavio Paz considera que toda literatura consiste em traduções de traduções, não havendo, portanto, nenhum texto original:

Cada texto é único e é, ao mesmo tempo, a tradução de outro texto. Nenhum texto é inteiramente original, porque a própria língua, na sua essência, já é uma tradução: primeiro, do mundo não-verbal e, depois, porque cada signo e cada frase é a tradução de outro signo e de outra frase.²¹⁴

Michel Schneider, ao discutir a composição do texto literário, argumenta que

O autor antigo escreveu uma “primeira” vez, depois sua escritura foi apagada por algum copista que recobriu a página com um novo texto, e assim por diante. Textos primeiros inexitem tanto quanto as puras cópias; o apagar não é nunca tão acabado que não deixe vestígios, a invenção, nunca tão nova que não se apóie sobre o já-escrito.²¹⁵

²¹¹ RICOUER, Paul. *Sobre tradução*. Trad. Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

²¹² RICOUER, 2011, p. 55.

²¹³ RICOUER, 2011, p. 55.

²¹⁴ PAZ, Octavio. *Tradução, literatura e literalidade*. Trad. Doralice Queiroz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009. p. 13.

²¹⁵ SCHNEIDER, 1990. p. 71.

O trecho de Schneider corrobora a proposição de que todo texto é uma tradução, já que se configuraria a partir de outro texto, ou algum vestígio; como um mosaico de referências. Desse modo, a tradução pode ser entendida como uma forma de reescrita e esta como um “retorno” à tradição que inspira novas criações. Essa revisitação caracteriza-se como uma estratégia narrativa da literatura, como demonstram as reescritas literárias de Judas.

A articulação e o diálogo com os textos do passado se apresenta pela apropriação da tradição por meio de estratégias do fazer literário, como a paráfrase e a paródia, fazendo emergir um jogo com a tradição e a memória. A citação torna-se, para além da própria constituição da escrita como uma forma de se criar cópias, traições e traduções.

Segundo José Paulo Paes, em “Sob o signo de Judas”,²¹⁶ todo tradutor sofreria uma espécie de “complexo de Judas”, enfermidade própria de uma “atividade onde o perpetuamente renovado voto de fidelidade não alcança debelar o termo subconsciente de haver sempre traído”. A metáfora do tradutor como um Judas, tal qual é proposta por Paes, pode ser estendida ao escritor, pois, como lembra Ricardo Piglia: o escritor trai o que lê, desvia e ficcionaliza.²¹⁷ Sob o receio de trair, o tradutor e o escritor, por extensão, estariam sob o signo de Judas e a literatura, por sua vez, seria um espaço privilegiado para reescritas, traduções e traições.

O “complexo de Judas” atribuído ao tradutor por Paes também pode ser vislumbrado nas ideias sobre tradução de Haroldo de Campos²¹⁸ que, para Solange Oliveira, apresenta outro sentido para a tradução:

No ensaio célebre, Benjamin postula a inter-relação e dependência mútua entre tradução e o chamado original, já que

²¹⁶ PAES, José Paulo. Sob o signo de Judas. In: _____. *Tradução: a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática: Secretaria da Cultura, 1990.

²¹⁷ PIGLIA, Ricardo. A leitura de ficção. In: _____. *O laboratório do escritor*. Trad. Josely Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1994. p. 67- 76.

²¹⁸ CAMPOS, Haroldo de. Para além do princípio da saudade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 dez. 1984. Folhetim, p. 6-8.

este depende daquela para sua sobrevivência. Benjamin também atribui à tradução a tarefa de resgatar no original uma língua ideal ali aprisionada, possibilitando a convergência de idiomas numa região predestinada, onde todos se realizam e reconciliam. A essa missão “angélica”, Haroldo contrapõe um empreendimento “satânico”.²¹⁹

A missão angélica contraposta ao empreendimento satânico revela, portanto, a semelhança do tradutor com o tentador bíblico. O tradutor literário, nesse sentido, se recusaria à postura servil de fidelidade ao chamado texto original. Campos, ao rever a teoria de Walter Benjamin, efetua uma leitura que reveste o que seria a “função angélica do tradutor” de um “caráter luciferino”, traço também presente no estereótipo de Judas:

a ênfase benjaminiana na primazia arquetípica das “monstruosas” traduções hoelderlinianas permite-nos dar um passo mais adiante e ultimar a sua teoria, revertendo a função angélica do tradutor numa empresa luciferina [...] O tradutor-usurpador passa, por seu turno, a ameaçar o original com a ruína da origem. Esta como eu a chamo, a última “hybris” do tradutor luciferino: transformar, por um átimo, o original na tradução de sua tradução.²²⁰

A caracterização do tradutor como usurpador se aproxima da noção do escritor-ladrão, proposta por Italo Calvino, e do escritor como ladrão de palavras, que criará tradições e precursores, traduzindo, ou reescrevendo, seu repertório literário, como queria Schneider.

Em “Furtos com arte (conversa com Tullio Pericoli)”,²²¹ Calvino discorre sobre o tema do roubo, por ocasião da mostra de desenhos “Roubar de Klee”, ocorrida em 1980.

²¹⁹ OLIVEIRA, Solange. Literatura e as outras artes hoje: o texto traduzido. *Letras: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras*. Rio Grande do sul, n. 34, p. 189-205, 2007.

²²⁰ CAMPOS, 1984, p. 7.

²²¹ CALVINO, Italo. Furtos com arte (conversa com Tullio Pericoli). In: _____. *Mundo escrito e mudo não escrito: artigos, conferências e entrevistas*. Trad. Maurício Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 65-78.

Para Calvino, “a arte nasce de outra arte, assim como a poesia nasce de outra poesia [...] mesmo quando alguém acredita estar simplesmente deixando o coração falar, ou imitando a natureza, de fato já imita representações”.²²² Segundo o crítico, a ideia de “roubo” se relaciona com a questão da propriedade. “A ideia de que o artista seja proprietário de alguma coisa é uma ideia bastante tardia. A princípio não há a ideia de roubar, porque o estilo seria alguma coisa geral.”²²³ Para Elisa Moreira e Claudia Maia, “a imitação e a cópia são tratadas por Calvino como processos naturais e legítimos da produção criativa, tanto na literatura como nas outras artes,”²²⁴ o que o faz assumir a alcunha de “escritor-ladrão”.

Nessa perspectiva, fazer homenagem significaria também apropriar-se e, “nesse breve percurso, a escritura apresenta-se como reescritura, uma necessária apropriação, uma espécie de ‘roubo’”.²²⁵ A reescrita, portanto, como crime, seria também uma forma de traição e tradução como nos lembra Jordi Doce, em *Nuevas pautas de traducción literária*: “todo texto literário é uma tradução de outro texto que lhe antecede, inclusive se ele não existe”.²²⁶ A traição e a tradução seriam, pois, inerentes ao processo criativo, sendo elas também formas de criação ou recriação. Essas reflexões que aproximam a tradução à ideia do roubo são pensadas também em “Traduzir é o verdadeiro modo de ler um texto”.²²⁷ Calvino relata que quando a tradução de um texto seu não lhe parece boa a princípio, ele considera que não lhe roubaram bem, que não descobriram o segredo que ali havia, ou simplesmente que

²²² CALVINO, 2015, p. 67.

²²³ MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues; MAIA, Cláudia. Italo Calvino e a tradução – ler, roubar, criar. 2012. II Simpósio Italo Calvino. p. 2.

²²⁴ MOREIRA; MAIA, 2012, p. 2.

²²⁵ MOREIRA; MAIA, 2012, p. 2.

²²⁶ DOCE, Jordi. Traducir: três asedios. In: MONTERO, Javier Gómez. *Nuevas pautas de traducción literária*. Madri: Visor Libros, 2008. p. 14. Tradução nossa.

²²⁷ CALVINO, Italo. Traduzir é o verdadeiro modo de ler um texto. In: _____. *Mundo escrito e mudo não escrito*: artigos, conferências e entrevistas. Trad. Maurício Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 79-85.

ali não havia segredo algum. Por mais que um segredo deva estar escondido, afirma Calvino, é importante que o ladrão “compreenda onde vale a pena arrambar”.²²⁸

As versões literárias sobre Judas, sejam na forma de paráfrase, como se pretendeu demonstrar no Capítulo 1, sejam na forma de paródia, como se apresentou em seguida, aproximam o conceito de traição à tradução, como se pretendeu demonstrar aqui. O fato de que o “texto que homenageia é também aquele texto que rouba”, estende o conceito de homenagem a uma referência e se configura como uma traição.

Essa traição, como roubo-homenagem, deixa vislumbrar, em uma última instância, a própria literatura ou a linguagem,²²⁹ como uma forma de traição. Os escritores carregam, assim, metaforicamente, o signo de Judas porque a língua, como queria Ricoeur, tem propensão ao “enigma, ao artifício, ao hermetismo, ao secreto”,²³⁰ isto é, está sempre sujeita à traição e à tradução. Se a ficção é sempre uma retomada de outros textos, perfazendo uma rede infinita entre autores e textos, cada escritor pode ser visto como uma espécie de copista, figura que já comportaria em si um sem-número de possibilidades de traição e tradução.²³¹

²²⁸ CALVINO, 2015, p. 76.

²²⁹ Apesar de não ser o viés abordado por esta dissertação, o conceito de traição também constitui uma vertente de estudo na psicanálise. Em *Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*, Jacques Lacan discorre sobre o desejo cedido como uma forma de traição: “O que chamo ceder de seu desejo acompanha-se sempre no destino do sujeito – observarão isso em cada caso, reparem em sua dimensão – de alguma traição. Ou o sujeito trai sua via, se trai a si mesmo, e é sensível para si mesmo. Ou, mais simplesmente, tolera que alguém com quem ele se dedicou mais ou menos a alguma coisa tenha traído sua expectativa, não tenha feito com respeito a ele o que o pacto comportava, qualquer que seja o pacto, fausto ou nefasto, precário, de pouco alcance, ou até mesmo de revolta, ou mesmo de fuga, pouco importa. Algo se desenrola em torno da traição, quando se a tolera, quando, impelido pela ideia do bem – quero dizer, do bem daquele que traiu nesse momento – se cede a ponto de diminuir suas próprias pretensões e, dizer-se – Pois bem, já que é assim, renunciemos à nossa perspectiva, nem um nem outro, mas certamente não eu, não somos melhores, entremos na via costumeira” (LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008. p. 375). Nessa perspectiva, toda linguagem em si poderia ser considerada com uma espécie de traição.

²³⁰ RICOUER, 2011, p. 41.

²³¹ Uma abordagem mais aprofundada entre traição e tradução será realizada em um trabalho posterior.

SOB O SIGNO DE JUDAS:
reescritas literárias da traição
Késia Rodrigues de Oliveira

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Detalhe de *A última ceia*, de Manoel da Costa Ataíde (1828).

As reescritas literárias da traição de Judas, ancoradas nos evangelhos canônicos e no evangelho apócrifo de Judas, encenam o personagem, como foi visto, ora como traidor, ora como herói, ora como um simples humano. Procurou-se, assim, nesta dissertação, apontar algumas estratégias de construção textual efetuadas por escritores na composição dessas narrativas.

Essas reescritas, como se tentou delimitar, foram divididas, nesta pesquisa, em dois grupos. O primeiro deles, estudado no Capítulo 1, demonstra que há um perfil de escritores, como Aristides Ávila, em *Judas*, João Alphonsus, em “Uma história de Judas”, Carlos Nejar, em “Judas Iscariotes” e Varnecki do Nascimento, em *Morte e ressurreição de Jesus*, que reescrevem o episódio de Judas assimilando os traços do personagem e o sentido da traição presentes nos evangelhos canônicos.

No romance de Ávila, ao narrar a traição tal qual se descreve nos quatro evangelhos canônicos, o escritor escolhe o ponto de vista do traidor sem, contudo, desviar-se do relato bíblico. As duplicidades narrativas podem ser vislumbradas tanto nos duplos

Judas/Jesus quanto na aproximação do texto literário ao bíblico. Nesse sentido, foi possível vislumbrar uma repetição que, em forma de paráfrase, recompõe os personagens, os cenários e o enredo do episódio bíblico, duplicando-o.

No conto de Alphonsus, um fantasma dá o tom à narrativa. Embora essa aparição pudesse apontar para um desvio da história bíblica, visto que esse elemento não está presente nos relatos evangélicos, pôde-se comprovar que, ao contrário, ela reafirma, nos vários desdobramentos do personagem Judas, a reiteração das versões dos evangelhos. As aparições são, portanto, ilusórias. Elas apontam para a multiplicidade, mas não para a diversidade textual. No poema de Nejar, o episódio que na Bíblia é narrada em prosa é transporto de forma lírica, tendo, no verso, sua tradução.

O cordel de Nascimento não foge a essa estratégia de reescrita detectada no texto de Nejar. Também a narrativa repete personagens, tramas e contextos bíblicos, mas essa reescrita se dá por intermédio do verso tradicional, frequentemente rimado, do gênero.

Esses textos foram lidos com base no conceito de paráfrase de Afonso Romando de Sant'Anna e Helena Beristáin, que pensam a reescrita como uma construção textual que se coloca, em relação ao texto parafraseado, em uma condição de repetição, sem grandes desvios ou alterações de sentido.

Sendo assim, os textos literários possuem, com os textos bíblicos, uma relação de continuidade, sem desviar-se do sentido naqueles inscrito. Judas e a traição a Jesus migram, assim, do texto religioso para o ficcional, sem alteração, constituindo-se como citações, conforme queria Compagnon, ou homenagens, de acordo com Eco.

No Capítulo 2, elencaram-se textos que, na leitura realizada nesta dissertação, apresentaram-se como paródias aos evangelhos, seja por meio da ausência da traição de Judas, seja pela forma de apresentação do discípulo que se afasta do relato dos evangelistas.

O primeiro texto estudado, neste capítulo, foi a peça “O Judas e o Sábado de Aleluia”, de Martins Pena. Nela, não se recria o tema da traição, tal qual nos evangelhos. O dramaturgo refere-se, no entanto, à celebração do Sábado de Aleluia e à prática da Malhação de Judas. O personagem, que se traveste com as roupas do

boneco que seria “malhado”, põe em evidência os jogos de cena e a representação, afastando, pois, o texto do sentido religioso.

A seguir, foi realizada a leitura da crônica “Malhação do Judas Carioca”, de João Antônio. Como na peça de Pena, nessa crônica, também o sentido da repetição do texto bíblico é preterido em relação aos comentários do escritor sobre a festa do Sábado de Aleluia, no Rio de Janeiro.

Em *Evangelho segundo Judas*, de Geraldo Silveira, evidenciou-se, também, um desvio em relação às Escrituras desde o título que põe em cena uma reescrita apócrifa e irônica do relato da traição. Como uma narrativa especular, o romance, narrado em primeira pessoa por Judas, longe de reafirmar as versões bíblicas, cria uma outra versão que não dá continuidade, mas propõe outros sentidos à traição e ao traidor.

José Fernandes, no romance *Judas e a irmã de Jesus*, recria contextos e personagens. Nesta dissertação, destacou-se o desvio no que tange a uma burla. Jesus não teria sido traído nem teria morrido na cruz. O romance centra-se, assim, na invenção de desdobramentos infiéis aos relatos bíblicos.

Graciliano Ramos, na crônica “Judas”, e Murilo Mendes, em “Judas Iscariotes”, também se afastam dos relatos bíblicos. Ramos relativiza, em seus comentários, a figura de Judas e põe em dúvida a tradição evangélica do seu julgamento. Mendes relativiza o caráter de traidor do discípulo, humanizando-o, aproximando dele os outros apóstolos, que poderiam estar ou ser sujeitos à traição.

No Capítulo 3, evidenciou-se o potencial narrativo da história Judas, bem como do tema da traição. Foram elencados os contos “A seita dos trinta” e “Três versões de Judas”, de Jorge Luis Borges. No primeiro conto, a referência a Judas se dá no contexto de uma seita imaginária cujos valores são construídos com base em uma visão positiva de Judas. Já no segundo conto, apresentado quase na forma de um artigo, são delineadas algumas possíveis interpretações da traição de Judas. Ao construir o conto armando três versões possíveis, Borges indicaria, de acordo com o que foi analisado, o texto que se constrói por citações, relações intertextuais, que não referendam um só sentido. O número três, mais do que marcar a exatidão das versões, deixa entrever a noção do ilimitado, uma vez que põe em cena uma terceira via. Isso significa que o leitor precisa, para Borges, sair do maniqueísmo e abrir-se para outras possibilidades.

Nessa parte, especificamente, observou-se que a traição também pode metaforizar a apropriação, a reelaboração e a intertextualidade, constituindo, assim, a própria noção de literatura. Essa capacidade de o tema do traidor ser compreendido como metáfora da construção do texto literário foi pensada com base na aproximação da traição à tradução.

Wander Melo Miranda em *Nações literárias*,²³² ao comentar o romance *Se um viajante numa noite de inverno*, de Italo Calvino,²³³ afirma que “no espaço fraturado onde se cruzam verdades e falsificações, onde os limites das convenções literárias e dos lugares-comuns ideológicos são excedidos, o escritor repete, desvia, trai e ficcionaliza o que lê”.²³⁴ Dessa forma, haveria, na ficção, uma aproximação do escritor à figura do copista, na qual emergiria a possibilidade da reescrita por meio da repetição em continuidade e manutenção de sentido, ou seja, em forma de paráfrase, e da repetição com desvio e alteração de sentido, ou seja, em forma de paródia.

A imagem do copista comporta um sem-número de burlas e possibilidades de traição. Para Miranda, todo escritor, no entanto, na reescrita, seria, pois, um copista infiel. Nesse sentido, mesmo na paráfrase, o escritor não efetua uma repetição compulsiva do texto, mas recria-o e promove, nele, desvios e adulterações.

Com base no tema de Judas, foi possível avaliar que toda estratégia intertextual é citação e traição. Uma vez que se repete, o novo texto se estabelece em relação ao texto precursor, por semelhança ou diferença. Ainda conforme Miranda, para os escritores:

O que resta a eles, de novo, senão a pilhagem [...] ao infinito de estilos os mais variados – eruditos ou populares – para que o silêncio seja vencido, para que histórias possam ainda ser contadas?²³⁵

²³² MIRANDA, Wander Melo. *Nações literárias*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

²³³ CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

²³⁴ MIRANDA, 2010, p. 131.

²³⁵ MIRANDA, 2010, p. 132.

SOB O SIGNO DE JUDAS:
reescritas literárias da traição
Késia Rodrigues de Oliveira

A pilhagem, o roubo, como o trecho evidencia, são, portanto, algumas estratégias de construção literária. Para Miranda, essa condição é levada ao infinito para que o silêncio seja vencido. Ou seja, no que se refere ao tema de Judas e da traição aqui elencados, reescrever, ou pilhar os textos canônicos ou apócrifos, pela paráfrase ou pela paródia, prefigura uma prática da escritura, sua metáfora e condição de existência.

Ao longo desta dissertação, que focalizou, além da paráfrase e da paródia, a aproximação do escritor ao tradutor/traidor, outras formas de reescrita, como o pastiche, por exemplo, foram vislumbradas. Espera-se, em um trabalho posterior, realizar esse estudo, bem como aprofundar as reflexões sobre literatura, tradução e traição.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. Elogio da profanação. In: _____. *Profanações*. Trad. Selvino Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 65-79.
- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia – Inferno*. Trad. Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2014.
- ALMEIDA, Milene. Despretensioso traçado literário – ideológico. *Organon*, Porto Alegre, v. 28, n. 55, p. 235-240, jul./dez. 2013.
- ALPHONSUS, João. Uma história de Judas. In: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Os melhores contos bíblicos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 155-158.
- ALTEMEYER, Fernando. Queremos sempre um Messias e um Judas. Entrevista. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/uolnews/cultura/2006/04/07/ult2618u40.jhtm>>. Acesso em: 28 jun. 2014.
- ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ANDREIEV, Leonid. *Judas Iscariotes*. Trad. Henrique L. Alves. São Paulo: Clube do Livro, 1984.
- ANTONIO, João. Malhação do Judas Carioca. In: _____. *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. p. 113-118.
- APÓCRIFO. In: HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- ARCHER, Jeffrey. *O Evangelho Segundo Judas de Benjamim Iscariotes*. Trad. Lilian Palhares. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- AUERBACH, Erich. A cicatriz de Ulisses. In: _____. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 1-20.
- ÁVILA, Aristides. *Judas*. [S.l.]: Saraiva, 1953.
- BARRETO JR., Dorival Souza. Discurso religioso: um estudo da obra *Evangelho segundo Judas*, de Geraldo Tito Silveira. Belo Horizonte: Segrac, 2008.
- BERISTÁIN, Helena. Dicionário de Retórica y Poética. México, DF: Ed. Porrúa, 2006. p. 288. Citado por BARROSO, Carmen *et al.* Paráfrase e memória: estratégias persuasivas do discurso publicitário contemporâneo. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/221/218>>. Acesso em: 30 maio 2015.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Vários tradutores. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BLOOM, Harold. *Jesus e Javé: os nomes divinos*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

BONDER, Nilton. *A alma imoral: traição e tradição através dos tempos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

BORGES, Jorge Luis Borges. Kafka e seus precursores. Trad. Sergio Molina. In: _____. *Obras completas de Jorge Luis Borges, volume 2*. Vários tradutores. São Paulo, Globo, 1999, p. 96-98. *Outras inquisições*.

BORGES, Jorge Luis. A seita dos trinta. Trad. Ligia Morrone Averbuck. In: _____. *Obras completas de Jorge Luis Borges, volume 3*. Vários tradutores. São Paulo: Globo, 2000. p. 42-44. *O livro de areia*.

BORGES, Jorge Luis. As versões homéricas. Trad. Claudio Fornari. In: _____. *Discussão*. São Paulo: Difel, 1986. p. 71-78.

BORGES, Jorge Luis. Mateus 27,9. Trad. Josely Vianna Baptista. In: _____. *Obras completas de Jorge Luis Borges, volume 3*. Vários tradutores. São Paulo: Globo, 2000. p. 165.

BORGES, Jorge Luis. Três versões de Judas. Trad. Carlos Nejar. In: _____. *Obras completas de Jorge Luis Borges, volume 1*. Vários tradutores. São Paulo: Globo, 1998. p. 573-577. *Ficções*.

BORN, A. Van Den (Org.). *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Vários tradutores. Petrópolis, 2004. p. 840-842.

BRASIL, Assis. *O livro de Judas*. São Paulo: Clube do livro, 1970.

BRAVO, Nicole. Duplo. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind e outros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 263.

BUARQUE, Chico; GUERRA, Ruy. *Calabar: o elogio da traição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

CALDWELL, Taylor. *Eu, Judas*. Trad. Luzia Machado da Costa. Rio de Janeiro. Record, 1977.

CALVINO, Italo. Furtos com arte (conversa com Tullio Pericoli). In: _____. *Mundo escrito e mudo não escrito: artigos, conferências e entrevistas*. Trad. Maurício Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 65-78.

CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CALVINO, Italo. Traduzir é o verdadeiro modo de ler um texto. In: _____. *Mundo escrito e mudo não escrito: artigos, conferências e entrevistas*. Trad. Maurício Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 79-85.

CAMPOS, Haroldo de. Para além do princípio da saudade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 dez. 1984. Folhetim, p. 6-8

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Brasília: INL, 1972.

CASTRO, Marcílio França. A traição: jogo de papéis trocados (entre Arlt e Borges). *Caderno de Leituras*, n. 16. Edições Chão da Feira, 2013. Disponível em: <http://www.chaodafeira.com/wpcontent/uploads/2013/05/marcilio_chao1.pdf>. Acesso em: 30 maio 2013.

CHURTON, Tobias. *O beijo da morte: a verdadeira história do evangelho de Judas*. Trad. Martha Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

COMPAGNON, Antoine. Tradição moderna, traição moderna. In: _____. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Trad. Cleonice P. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 9-13.

CRONIN, Archibald Joseph. *A árvore de Judas*. Trad. Olívia Kráhenbühl. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1963.

CROSSAN, John Dominic. *Quem matou Jesus? As raízes do anti-semitismo na história evangélica da morte de Jesus*. Trad. Nádia Lamas. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

DELUMEAU, Jean. Os agentes de Satã: II. O judeu. Mal absoluto. In: _____. *História do medo no Ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 278-309.

DOCE, Jordi. Traducir: três asedios. In: MONTERO, Javier Gómez. *Nuevas pautas de traducción literaria*. Madri: Visor Libros, 2008. p. 14-18.

DOURADO, Autran. Presença de Judas. In: LUCAS, Fábio. *Horizonte da crítica*. [S.l.]: Edições Movimento Perspectiva, 1965. p.135-136.

EAGLETON, Terry. *Jesus Cristo e os evangelhos*. Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

ECO, Umberto. Borges e a minha angústia da influência. In: _____. *Sobre a literatura*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 113-127.

ECO, Umberto. Ironia intertextual e níveis de leitura. In: _____. *Ensaio sobre a literatura*. Trad. Eliana Aguiar. São Paulo: Record, 2003. p. 199- 218.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas*. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Trad. Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2003.

ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Trad. Eliana Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FARIA, Jacir de Freitas. *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos – poder e heresias!:* introdução crítica e histórica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento. Petrópolis: Vozes, 2009.

FERNANDES, José Fonseca. *Judas e a irmã de Jesus*. São Paulo: Livro Pronto, 2010.

FERRAZ, Selma. A esfinge pejada de mistérios: travessias e travessura de Judas. *Estudos de Religião*, v. I, p. 235-256, 2006.

FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

GABEL, John B; WHEELER, Charles. *A Bíblia como literatura: uma introdução*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Trad. Cibele Braga, Luciene Guimarães e outros. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

GOHN, Carlos; NASCIMENTO, Lyslei (Org.). *A Bíblia e suas traduções*. São Paulo: Humanitas, 2009.

GRAVES, Robert. *King Jesus*. New York: Farrar Straus Giroux, 1981.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

JENNY, Laurent. A estratégia da forma. Trad. Clara Rocha. *Poétique*, Coimbra, n. 27, p. 5-49, 1979.

JUDAS. In: HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KASSER, Rodolphe; MEYER, Marvin; WURST, Gregor. *The Gospel of Judas*. Estados Unidos: National Geographic, 2006. Disponível em: <http://www.nationalgeographic.com/lostgospel/_pdf/GospelofJudas.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2013.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. Trad. Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LAGES, Susana Kampff. A tradução como reescrita, subversão e transcrição. In: _____. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. p. 73-98.

LARANJEIRA, Delzi Alves. Judas: da tradição à traição como literatura. *Suplemento Literário: edição especial: crimes, pecados e monstrosidades*. Belo Horizonte, p. 8-13, 2009.

LELOUP, Jean-Yves. *Judas e Jesus: duas faces de uma única revelação*. Trad. Karin Guise. Petrópolis: Vozes, 2007.

LOPES, Reinaldo José. Judas: o tesoureiro do grupo. *Revista das religiões*. Coleção Grandes Heróis Bíblicos. Apóstolos. São Paulo: Abril, [s.d.].

LYRIO, Mauricio. Tema do traidor e do herói. Disponível em: <<http://caixadeliteratura.blogspot.com.br/2012/01/tema-do-traidor-e-do-heroi.html>>. Acesso em: 10 dez. 2015

MALANGA, Eliana Branco. *A Bíblia Hebraica como obra aberta: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas/Fapesp, 2005.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. Duplo. In: Zilá Bernd (Org.). *Dicionários de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2007. p. 229-234.

MENDES, Murilo. Judas Iscariotes. In: _____. *Poesia completa & prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 804-805.

MESSADIÉ, Gerald. *Judas, o bem-amado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MIRANDA, Wander Melo. A liberdade do pastiche. In: _____. *Nações literárias*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010. p. 131-136.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues; MAIA, Cláudia. Italo Calvino e a tradução – ler, roubar, criar. 2012. II Simpósio Italo Calvino.

MOTA, Ático Vilas-Boas da. *Queimação de Judas: catarismo, inquisição e Judas no folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituição Nacional do Folclore, 1981.

NASCIMENTO, Lyslei; OLIVEIRA, Késia. Judas: sob o signo do Mal. In: JEHA, Julio; SANTOS, Josalba (Org.). *Sobre o mal*. Curitiba: Appris, 2015. p. 109-124.

NEJAR, Carlos. Judas Iscariotes. In: _____. *Os viventes*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 129.

NASCIMENTO, Varneci Santos do. *Morte e ressurreição de Jesus*. Gráfica Gutemberg: Paulo Afonso, 1999.

NUNES, Danillo. *Judas, traidor ou traído?*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

OLIVEIRA, Solange. Literatura e as outras artes hoje: o texto traduzido. *Letras: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras*. Rio Grande do sul, n. 34, p. 189-205, 2007.

OZ, Amós. *Judas*. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PADILLA, Ivan; CAVALLERI, Marcelo Musa. O evangelho segundo Judas. *Época*. São Paulo, ed. 405, maio 2006.

PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática: Secretaria da Cultura, 1990.

PAGE, Gregory. *Diário de Judas Iscariotes ou o Evangelho Segundo Judas*. São Paulo: Anubis, 2006.

PAZ, Octavio. *Tradução, literatura e literalidade*. Trad. Doralice Queiroz. Ed. bilíngue. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2009.

PENA, Martins. *O Judas em Sábado de Aleluia*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000240.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

PIGLIA, Ricardo. A leitura de ficção. In: _____. *O laboratório do escritor*. Trad. Josely Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1994. p. 67- 76.

PINTO, Paulo Mendes. A concretização do Senhor a propósito da leitura d'O evangelho de Judas. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, v. V, n. 9/10, p. 315-326, 2006.

PUENTE, Fernando Rey (Org.). *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RAMOS, Graciliano. Judas. In: SALLA, Thiago (Org.). *Garranchos*. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 91-92.

RICCI, Nino. *Testament*. New York: Houghton Mifflin Company, 2003.

RICOUER, Paul. *A hermenêutica bíblica*. Trad. Paulo Menezes. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RICOUER, Paul. *Sobre tradução*. Trad. Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ROAUNET, Sergio. Sob o signo da dúvida. In: CARVALHO, Luiz. *Capitu*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2008.

ROGERSON, John William. *O livro de ouro da Bíblia: origens e mistérios do livro sagrado*. Trad. Talita Rodrigues. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ROLLINS, James. *A nova traição de Judas*. Trad. Marcos José da Cunha e Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

ROSSET, Clement. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Trad. José Thomaz Brum. São Paulo: L&PM, 1988.

ROUARTE, Marie-France. O mito do Judeu Errante. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. p. 665-672.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 1991. p. 17.

SANTOS, Márcio. *Narradores e escribas nos romances bíblicos de Moacyr Scliar*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/ECAP-9JLL4W>>. Acesso em: 15 set. 2015.

SAWA, Miguel. Judas. In: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Os melhores contos de loucura*. Trad. Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. p. 61-64.

SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Trad. Luiz Franco. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

SCLIAR, Moacyr. *A guerra no Bom Fim*. Porto Alegre: L&PM, 2004. p. 65-66.

SCLIAR, Moacyr. Introdução: o fascinante universo bíblico. *Biblioteca Entrelivros: a Bíblia muito além da fé*, São Paulo, n. 2, p. 8-19, 2005.

SEMANA SANTA: o significado do Sábado de Aleluia e da Malhação de Judas. Disponível em: <<http://ucho.info/semana-santa-o-significado-do-sabado-de-aleluia-e-da-malhacao-de-judas>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

SILVA, Vera Lúcia de Luna e. Primórdios da literatura de cordel no Brasil – um folheto de 1865. *Graphos*. João Pessoa, v. 12, n. 2, dez. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/10909/6114>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

SILVEIRA, Geraldo Tito. *Evangelho segundo Judas*. Montes Claros: Polígono, 1982.

SZNITER, Célia. *Representações do judeu na cultura brasileira: imaginário e história*. 2002. Tese de Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-25022003-182456/pt-br.php>>. Acesso em: 25 ago. 2014.

TOCANTINS, Zeca; REIS, Camila. *O testamento de Judas*. São Luís: [s.n.], 2009.

SOB O SIGNO DE JUDAS:
reescritas literárias da traição
Késia Rodrigues de Oliveira

TOCANTINS, Zeca *et al.* *O testamento de Judas*. São Luís: [s.n.], 2011.

TRAIÇÃO. In: HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

WRIGTON, Tom. *Judas e o Evangelho de Jesus*. Trad. Thiago Gambi. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

ZILLES, Urbano. *Evangelho de Judas*. Disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1769/1302>>.
Acesso em: 15 abr. 2014.

ANEXO

Evangelho de Judas, traduzido por Urbano Zilles²³⁶

As palavras secretas da revelação que Jesus fez, durante uma semana, três dias antes de celebrar a festa da Páscoa, a Judas Iscariotes.

Quando Jesus apareceu na terra, realizou muitos milagres e sinais para salvar a humanidade. Desde então, enquanto alguns seguiram o caminho da retidão e outros pecaram, chamou os doze discípulos. Começou a falar com eles sobre os mistérios além do mundo e do que aconteceria no fim. Muitas vezes apareceu a seus discípulos, não como ele mesmo, mas na forma de uma criança.

1 Diálogo de Jesus com seus discípulos

Certo dia, ele estava com seus discípulos na Judéia e encontrou-os piedosamente reunidos em torno da mesa. Quando se dirigiu a eles, que estavam reunidos, fazendo uma oração de ação de graças sobre o pão, riu. Os discípulos disseram-lhe: “Mestre, por que ris sobre nossa oração de ação de graças? Fizemos o que é certo”. Mas ele respondeu-lhes: “Não rio por causa de vós. Vós não fizestes isso por vossa própria vontade, mas para louvar vosso Deus. Eles disseram: “Mestre, tu és [...] o filho de nosso Deus”. Jesus, porém, disse-lhes: “Donde vós me conheceis? Em verdade, digo-vos que não há geração humana entre vós que me conhecerá”.

Quando seus discípulos ouviram isso, ficaram zangados e começaram a ficar furiosos, ameaçando-o em seus corações. Ao ver sua falta de compreensão, Jesus falou-lhes: “Por que essa notícia vos irrita? Vosso Deus, que está convosco, [...] provocou vossa ira em vossas almas. Deixai cada um dentre vós, que é forte o suficiente, para produzir o homem perfeito dentre os homens e conduzi-lo ante minha face”. Todos disseram: “Nós temos a força”. Mas seu ânimo era muito fraco para enfrentá-lo, com exceção de Judas Iscariotes. Ele foi capaz de colocar-se à sua

²³⁶ ZILLES, Urbano. Evangelho de Judas. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1769/1302>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

frente, mas não conseguiu olhar em seus olhos e baixou sua cabeça. Judas falou a Jesus: “Eu sei quem tu és e donde vieste. Tu vens do reino eterno de Barbelo e sou indigno de pronunciar o nome daquele que te enviou”.

Sabendo que Judas reproduzira algo sublime, Jesus falou-lhe: “Afasta-te dos outros e eu te revelarei os mistérios desse reino. Tu tens a possibilidade de chegar a esse reino, mas passarás grande sofrimento. Do contrário, algum outro terá que cumprir tua tarefa, para que os doze possam voltar a ser um com seu Deus”. Judas, porém, disse-lhe: “Quando tu me revelarás essas coisas? Quando irromperá o grande dia da luz sobre essa geração”? Mas, quando ele disse isso, Jesus desapareceu.

2 Jesus reaparece a seus discípulos

Na manhã seguinte, depois que isso acontecera, Jesus apareceu novamente diante de seus discípulos. Eles disseram-lhe: “Mestre, para onde foste e o que fizeste durante tua ausência?” Jesus, porém, respondeu-lhes: “Fui a outra geração grandiosa e santa”. Seus discípulos disseram-lhe: “Senhor, qual é essa geração grandiosa, que é superior a nós, que é mais santa que nós e que não é deste reino?”

Ao ouvir isso, Jesus riu e falou-lhes: “Por que vós pensais em vossos corações sobre aquela geração forte e santa? Em verdade, eu vos digo que ninguém, que nasce neste mundo, verá aquela geração e nenhum exército de anjos das estrelas reinará sobre aquela geração e nenhum mortal poderá relacionar-se com aquela geração, pois aquela geração não procede de [...] que veio a ser [...]. Esta geração dos homens, da qual fazeis parte, é da geração da humanidade [...] poder, que [...] outras forças [...] pelas quais dominais. Quando seus discípulos ouviram isso, cada um deles agitou-se em espírito. Não conseguiram falar sequer uma palavra. Algum outro dia, Jesus apareceu-lhes. Disseram-lhe: “Mestre, te vimos, numa visão, quando tivemos grandes sonhos [...]”.

Disseram: “Vimos uma grande casa e nela um grande altar, doze homens que chamaríamos sacerdotes e um nome; e uma multidão de homens esperava junto àquele altar (até) que os sacerdotes [...] e receberam as ofertas. Nós, contudo, continuamos esperando. Jesus disse: “Como eram os sacerdotes?” Eles, porém, disseram: “Alguns [...] duas semanas: (alguns) ofereciam seus próprios filhos; outros,

suas esposas, em glória e humildade entre si; alguns dormiam com homens; outros estavam ocupados com lutas; alguns cometiam grande número de pecados e delitos contra a lei. E os homens, que estavam diante do altar, invocavam teu nome e, em todos os atos de sua insuficiência, os sacrifícios foram conduzidos ao seu acabamento [...]”. Depois que disseram isso, calaram, pois estavam muito agitados. Jesus, porém, disse-lhes: “ Por que estais agitados? Em verdade, eu vos digo, todos os sacerdotes, que estão de pé diante do altar, invocam meu nome. De novo, digo-vos que meu nome está escrito naquele [...] das gerações de estrelas, para todas as gerações humanas. E eles plantaram árvores, que não produziram frutos, em meu nome, de maneira vergonhosa”. Jesus, porém, disse- lhes: “Aqueles que vistes receber as ofertas no altar são aqueles que vós sois. Este é o Deus a quem vós servis, e vós sois os doze homens que vistes. A multidão trazida para o sacrifício, que vós vistes, é a multidão de homens que desviastes do reto caminho diante desse altar [...] estamos e meu nome é usado dessa maneira e gerações de piedosos lhe permanecerão fiéis [...] e depois lá estará outro homem dos prostitutas e outro dos assassinos de crianças e outro homem daqueles que dormiram com homens e aqueles que vivem abstêmios e o resto do povo impuro, transgressor das leis e dos delituosos e aqueles que dizem ‘nós somos como anjos’ são as estrelas que tudo levarão ao acabamento. Às gerações da humanidade foi dito: “Eis que Deus recebeu tua oferta das mãos de um sacerdote” – que é um servo de delitos. Mas é o Senhor, o Senhor do Universo, quem fala: “No último dia, serão lançados na vergonha” (41). Jesus disse-lhes: “Parai de oferecer [...] que tendes [...] sobre o altar, aqueles que estão acima de vossas estrelas e de vossos anjos e já chegaram ao seu acabamento lá. Assim deixai-os ser seduzidos diante de vós e deixai-os partir (faltam cerca de 15 linhas). Um padeiro não pode alimentar todos os seres debaixo do céu. E [...]”. Jesus disse-lhes: “Deixai de lutar contra mim. Cada qual de vós tem sua própria estrela e cada (faltam cerca de 17 linhas) [...], mas ele deve vir para irrigar o paraíso de Deus e a geração, que permanecerá, uma vez que não maculará o curso da vida dessa geração, mas, [...] até toda eternidade”.

Judas disse-lhe: “Mestre, que tipo de frutos esta geração apresentará?” Jesus respondeu: “As almas de todas as gerações de homens morrerão. Quando esses homens cumprirem o tempo do reino e o espírito os abandonar, seus corpos morrerão, mas suas almas viverão e serão elevadas”. Judas disse: “E o que fará o resto das

gerações humanas”? Jesus respondeu: “É impossível semear sementes sobre uma rocha e colher seus frutos. Este é também o caminho [...] as gerações maculadas [...] e a sofia corruptível [...] a mão, que criou homens mortais de modo que suas almas subam aos reinos eternos. Em verdade, eu vos digo [...] anjos [...] o poder verá isso [...] aqueles a quem [...] gerações santas [...]”. Depois de dito isso, Jesus retirou-se daí.

3 Judas fala de uma visão

Judas disse: “Mestre, agora que ouviste a todos, ouve-me também a mim, pois eu tive uma visão grandiosa”. Ao ouvir isso, Jesus riu e disse-lhe: “Tu, décimo terceiro espírito, por que tentas sempre de novo? Mas fala, que aguentarei contigo”. Judas disse-lhe: “Na visão vi-me a mim mesmo sendo apedrejado pelos doze discípulos e me perseguiam seriamente. Cheguei ao lugar, onde [...] depois de ti. Eu vi uma casa [...] e meus olhos não conseguiram abranger sua grandeza. Grandes homens a cercavam, e a casa tinha um telhado de palha e no meio da casa havia uma multidão de gente (faltam 2 linhas), diziam: Mestre, leva-me com essa gente”. Jesus respondeu, dizendo: “Judas, tua estrela te enganou”. E prosseguiu: “Nenhum mortal é digno de pisar na casa que tu viste, pois esse lugar é reservado aos santos. Lá não haverá sol, nem lua, nem dia, mas os santos lá permanecerão para sempre em glória eterna com os santos anjos. Vê eu te revelei os mistérios do reino (46) e te informei sobre o erro das estrelas e [...] mandei [...] para as doze idades”.

Judas disse: “Mestre, pode ser que minha semente seja controlada pelos governantes?” Jesus respondeu-lhe, dizendo: “Vê, eu (faltam 2 linhas), mas tu te afligirás muito, quando vires o reino e todas as suas gerações”. Quando ele ouviu isso, Judas disse-lhe: “Para que é bom que eu receba isso? Que tu me escolheste dessa geração”? Jesus, porém, respondeu, dizendo: “Tu serás o décimo terceiro e serás amaldiçoado pelas gerações vindouras e virás para dominar sobre elas. Nos últimos dias, amaldiçoarão tua elevação para a geração dos santos”.

Jesus disse: “Vem, para que eu te possa ensinar mistérios que antes nenhum homem alguma vez viu. Pois existe um reino grande, infinito, cuja extensão nenhuma geração de anjos já viu, no qual há um espírito grande e invisível, *aquele nenhum olho*

de anjo jamais viu, nenhum pensamento do coração jamais o pôde compreender e nunca se o chamou por algum nome”.

E apareceu uma nuvem brilhante, e ele falou: “Cria um anjo como meu servo”. Um anjo grandioso, que irradiava a eternidade divina, saiu daquela nuvem. Através dele, surgiram mais outros quatro anjos de outra nuvem e tornaram-se servos do eterno celestial. O eterno disse: “Deixa [...] surgir [...] e surgiu [...]. E ele criou o primeiro astro para dominá-lo. Ele disse: “Cria anjos para servir-lhe”, e apareceram inúmeros coros de anjos. Ele disse: “Cria um mundo iluminado e foi criado”. Ele criou o segundo astro para dominá-lo, juntamente com inúmeros coros de anjos, que lhe ofereceram seus serviços. Dessa maneira também criou os outros mundos iluminados. Deixou-os dominar sobre eles e criou para eles coros incontáveis de anjos para ajudá-los.

“Adamas estava na primeira nuvem brilhante, que nenhum anjo jamais vira, entre os quais todos aqueles que são chamados ‘deus’. Ele [...] o [...] a imagem [...] e segundo a forma desse anjo. Ele deixou aparecer a geração incorruptível de Seth [...] os doze [...] os quarenta e dois [...]. Fez aparecer 72 astros naquela geração incorruptível, conforme a vontade do espírito. Os 72 astros, por sua vez, fizeram aparecer 360 astros, entre a geração incorruptível, segundo a vontade do espírito, de modo que o seu número correspondia a cinco para cada. Os doze mundos dos doze astros fundam seu Pai com seis céus para cada mundo, de modo que há 72 céus para os 72 astros e, para todos eles, cinco firmamentos para um total de 360 firmamentos [...] foi-lhes dado o domínio e receberam um grande exército de anjos sem número, para honra e veneração e depois igualmente espíritos virgens, para honra e veneração de todos os mundos, dos céus e de seus firmamentos”.

“O grande número desses imortais chama-se cosmos – isto é corrupção – através do pai e dos 72 astros, que são com o eterno e seus 72 mundos. Nele apareceu o primeiro homem com suas forças incorruptíveis. E a idade que começou com essa geração, a idade, na qual há uma nuvem de saber e de anjos, é [...] chamada [...] idade [...]. Depois disse: “Cria doze anjos para dominar o caos e o mundo inferior”. E da nuvem surgiu um anjo, de cuja face cintilavam chamas e cuja aparição estava maculada com sangue. Seu nome era Nebro, que significa rebelde; outros o chamam Yaldabaoth. Um outro anjo, Saklas, também saiu daquela nuvem. Nebro criou seis

anjos, como também Saklas, para serem servos, e esses criaram doze anjos nos céus, dos quais cada qual recebeu parte do céu”.

Os doze senhores disseram aos doze anjos: “Deixem que cada um de vocês [...] e deixem-nos [...] geração (falta uma linha) anjos. O primeiro é Seth, que é chamado Cristo. O segundo é Harmathoth, que [...]. O terceiro é Galila. O quarto é Yobel. O quinto é Adonaios”. Esses são os cinco que reinarão sobre o mundo inferior e, antes de tudo, sobre o caos.

Então Saklas falou a seus anjos: “Façamos um ser humano segundo a forma e segundo a imagem”. Formaram Adão e sua mulher Eva, que na nuvem é chamada Zoé. Através desse nome, todas as gerações procuram o homem e cada um chama a mulher por este nome. Agora, porém, [...] Sakla [...] não fez [...] comandar [...]. E o senhor disse a Adão: “Viverás uma vida longa com teus filhos”.

Judas disse a Jesus: “Qual é a grande extensão do tempo na qual viverá o gênero humano”? Jesus respondeu: “Por que tu te admiras do fato de Adão, com sua geração, ter vivido naquele lugar no qual recebeu seu reino em vida longa com seu senhor”?

Judas perguntou a Jesus: “Pode o espírito humano morrer”? Jesus respondeu: “Esta é a razão pela qual Deus ordenou a Miguel dar aos homens seus espíritos como um empréstimo, de modo que o possam servir, mas o Grandioso ordenou a Gabriel conceder espíritos à grande geração que não tem Senhor acima de si – isto é, o espírito e a alma”. Além disso, o resto das almas (falta uma linha).

“[...] Luz (faltam cerca de duas linhas) para [...] deixa [...] espírito, o qual habita em ti, nesta carne no meio das gerações de anjos. Mas Deus propiciou que a Adão e àqueles que estavam com ele fosse concedido saber (conhecimento), assim que os reis do caos e do mundo inferior não pudessem mandar sobre eles”. Judas disse a Jesus: “Então o que esta geração fará”? Jesus respondeu: “Em verdade, eu vos digo, para cada um deles suas oportunidades são conduzidas ao fim pelas estrelas. Quando Saklas terminar o tempo determinado para ele, aparecerá sua primeira estrela, com as gerações, e completarão o que prometeram. Depois viverão de maneira

SOB O SIGNO DE JUDAS:
reescritas literárias da traição
Késia Rodrigues de Oliveira

desregrada, em meu nome, e matarão seus filhos e (faltam 6 linhas) tua estrela sobre a décima terceira idade”.

Depois disso, Jesus riu. Judas disse: “Mestre, por que ris”? Jesus respondeu, dizendo: “Não rio por causa de vós, mas dos erros das estrelas, pois essas seis estrelas vagam com esses cinco adversários e todos perecerão juntos com suas criaturas”.

Judas disse a Jesus: “O que aqueles que foram batizados farão em teu nome”? Jesus disse: “Em verdade, eu te digo, este batismo [...] meu nome (faltam 9 linhas). Em verdade eu te digo, Judas, esses que oferecem sacrifícios a Saklas [...] Deus (faltam 3 linhas) todo mal.

Mas tu superarás todos. Para ti ofertará o homem que me veste.

Já foi elevado teu Hom,

Teu Zom foi desenvolvido,

Tua estrela mostrou-se brilhante

E teu coração [...]

Em verdade (faltam cerca de 5 linhas), o Senhor, pois ele será aniquilado. Então a imagem da grande geração de Adão será elevada, acima dos céus, da terra e dos anjos, pois aquela geração, oriunda do reino eterno, existe. Vê, tudo te foi dito. Levanta teu rosto e olha para a nuvem e para a luz dentro dela e as estrelas que a cercam. A estrela, que a conduz no caminho, é tua estrela”.

Judas levantou seu rosto e viu a nuvem brilhante e entrou nela. Aqueles que estavam de pé na terra ouviram uma voz procedente da nuvem que disse [...] grandiosa geração [...] (faltam cerca de 5 linhas).

[...] seus sumos sacerdotes, sussurravam, já que ele se dirigira ao quarto do hóspede, para rezar. Mas alguns doutores da lei, que lá se encontravam, observavam-no cuidadosamente, para prendê-lo durante sua oração, uma vez que temiam fazê-lo diante do povo, pois todos o consideravam um profeta. Dirigiram-se a Judas, dizendo-lhe: “O que tu fazes aqui? Tu és um discípulo de Jesus”. Mas Judas respondeu-lhes como desejavam. E ele recebeu um pouco de dinheiro, e por isso entregou-o a eles.